



A RELIGIÃO DO BOLSONARISMO

UM ENSAIO
TEOLÓGICO



YAGO MARTINS

AUTOR DO BEST-SELLER A MÁFIA DOS MENDIGOS



Versão de Livre Distribuição Online:

DONA BIBLIOTECÁRIA

Pela isenção fiscal em livros de qualquer natureza,
pelo fim do superfaturamento em livros eletrônicos.

*E conhecereis a verdade,
e a verdade vos libertará.
João 8:32*

***Para
Guilherme de Carvalho
e Igor Miguel.***

“Todo Estado faz-se sobre
a teologia do poder [...]. Agora,
no Estado autoritário,
a teologia é o poder”¹

– Giorgio Agamben, 2004

NOTA DO AUTOR

Este ensaio pode ser considerado um derivado das minhas obras sobre idolatria e política, elaboradas a partir dos meus escritos para o mestrado em teologia sistemática do Instituto Aubrey Clark. Minha dissertação, intitulada *Ideologia e representação: apresentação e crítica do processo de idolatria política*, foi apresentada em setembro de 2019. Posteriormente, foi publicada em duas obras separadamente. A primeira, intitulada *No alvorecer dos deuses*, foi publicada em 2020, pela Thomas Nelson Brasil. Nela, discuto a partir da teologia bíblica como as idolatrias nascem, crescem e se desenvolvem. Todo o esforço de interpretação das Escrituras empreendido na dissertação foi adaptado para uma linguagem mais palatável, mas sem qualquer perda de conteúdo. Ainda não publicada, *Idolatria política* será a segunda obra derivada da minha dissertação. Voltada à análise dos movimentos políticos que projetavam esperanças escatológicas na utopia, lida com a ideologia como idolatria, discutindo vários autores da antropologia da religião, da história das revoluções e da filosofia política, com várias críticas aos movimentos tradicionalmente posicionados à esquerda dos espectros políticos. Esses dois trabalhos oriundos da dissertação complementam-se para formar uma teoria da idolatria política. É partindo deste arcabouço que decidi analisar o governo Bolsonaro: a partir das lentes da religião civil. É um esforço de aplicação à realidade do momento daquilo que as duas obras basilares consideram acerca dos movimentos revolucionários. O leitor curioso pelo livro ainda não publicado pode provar algo dele e complementar sua leitura deste ensaio com o artigo *Utopia as religion: a proposal for advance the austrian criticism of the yearnings of socialist scatology* [Utopia como religião: Uma proposta para o avanço da crítica austríaca aos anseios da escatologia socialista], publicado no

Mises Interdisciplinary Journal of Philosophy, Law and Economics
em 9 dezembro de 2017 (texto em inglês).²

INTRODUÇÃO

“[...] SE ALIENAR DAS pautas teológicas é não entrar na disputa pelos termos e semânticas que envolvem a fatia fundamental da população brasileira. Este é o problema chave dos setores progressistas hoje: não se atentam que as periferias suspiram teologias”.³

– Fábio Py, 2020

As eleições presidenciais de 2018 marcaram, até aquele momento, a derrocada do Partido dos Trabalhadores (PT). Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do país por dois mandatos (2003-2011), estava preso, acusado de envolvimento no que foi considerado pela Polícia Federal como o maior esquema de corrupção da história do país e pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos como o maior caso de suborno internacional da história mundial. Dilma Rousseff, continuadora do governo de Lula (2011-2016), tinha sofrido um espalhafatoso processo de impeachment por ter usado o dispositivo das “pedaladas fiscais” como nenhum outro presidente anterior, sem possuir o nível de aceitação política comum a grande parte dos presidentes antecedentes. Diante desse cenário, Fernando Haddad, ex-prefeito da cidade de São Paulo (2013-2017), apareceu como candidato do PT e as pesquisas de intenção de voto apontavam forte possibilidade de vitória. Nesse cenário, os partidos de oposição temiam ver novamente a máquina estatal nas mãos do que estava sendo considerado o “partido mais corrupto do Brasil”. Quem poderia vencer o PT nas eleições? Os candidatos eram virtualmente inexpressivos em comparação ao domínio de quem havia ficado treze anos no poder.

Eu estava no intervalo de uma das aulas da pós-graduação em economia política quando Eduardo Bolsonaro falava da candidatura de seu pai. Foi surpreendente quando, no primeiro dia de aula, descobri que ele seria meu colega de sala por 18 meses. Foi em um domingo de aulas, em um módulo que ele obviamente faltou, que o assisti na TV votando sim pelo impeachment na câmara dos deputados: “pelos militares de 64, hoje e sempre, pelas polícias, em nome de Deus e da família brasileira”. Nos corredores, ouvimos dele muitos bastidores de Brasília, podres de todo político que você puder imaginar e defesas da idoneidade do pai – Jair Bolsonaro.

No começo, ninguém levou muito a sério a propaganda apaixonada do filho sobre a candidatura do pai ao mais alto cargo do país. Bolsonaro não parecia ter relevância ou capilaridade para ser eleito presidente. Ele movia a internet e caía na nossa simpatia por ser uma das poucas vozes de oposição política à esquerda, dominante na época. Presidente? Parecia mero arroubo de megalomania. Mas o tempo foi passando, as decisões políticas foram montando um cenário particularmente intrigante que culminaram na campanha eleitoral e eleição de Jair Messias Bolsonaro presidente do Brasil em 2018. Eu posso contar pelo menos meia dúzia de colegas de sala que receberam cargos no começo do governo, principalmente dos que se definiam como “os conservadores” da turma, em contraste com a maioria mais puramente liberal em sentido estrito.

Em meio a tudo isso, eu apenas assistia de longe. Os fatores que explicam a eleição de Jair Bolsonaro têm sido elencados em diversas obras, e esta não é minha intenção aqui. Nem desejo tratar todos os apoiadores do governo Bolsonaro como igualmente sujeitos ao que vou apresentar nas próximas páginas. Meu objetivo é demonstrar como o movimento bolsonarista padece dos males da idolatria política e da adoração civil. Minha preocupação também não é definir o melhor candidato para as próximas eleições. A questão é uma somente: como os fenômenos das religiões civis se manifestam no atual governo? Ou seja: não pretendo discutir sobre em quem você vota, mas a quem você se devota.

Meu questionamento não é estritamente eleitoral. Não importa quem era a melhor opção em 2018. Eu mesmo votei em Bolsonaro no primeiro e no segundo turnos. Coloquei em primeiro lugar no *Em Alta* do YouTube minha comedida e desesperançosa declaração de voto. A igreja evangélica certamente é uma das responsáveis pela eleição de Jair Bolsonaro. No entanto, isso não significa que vendemos nossa alma e que precisamos apoiar o presidente em qualquer medida. Como igreja, podemos declarar apoio em um momento e removê-lo no seguinte, se isto parecer mais adequado à glorificação do nome de Deus no mundo. Não seria a primeira vez.

Mesmo em assuntos mais sérios, somos inundados de exemplos históricos de respostas cristãs a erros cristãos. Enquanto cristãos estiveram envolvidos com movimentos de supremacia branca, foram cristãos devotos os responsáveis pelo fim da escravidão e pelos grandes movimentos de antirracismo. Os cristãos podem ter lutado para eleger Bolsonaro quando ele pareceu a melhor opção, mas também são cristãos que podem ser responsáveis pela sua crítica e condenação quando ele se mostra um político anticristão.

Esta obra tem objetivos humildes: alertar cristãos sobre o perigo teológico do apoio incondicional a uma figura política, escancarar as profanações espirituais do bolsonarismo e deixar um registro literário dos aspectos religiosos do projeto de poder bolsonarista. Muito tem sido e pode ser escrito sobre o atual governo, mas não pretendo tocar em outros temas. Críticos mais ferozes do governo podem sentir falta de arrazoados sobre o trato com a pandemia de Covid-19, sobre investigações de corrupção etc. Para esses assuntos, existem outras obras. Aqui, meu foco é exclusivamente sobre a religião do bolsonarismo.

1. O ELEITO DE DEUS: AS PRIMEIRAS RAÍZES DA IDOLATRIA

“**BRASIL ACIMA DE** tudo, Deus acima de todos”. Foi com esse *slogan* de campanha que Jair Messias Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil em 2018. Dizendo-se cristão e, por vezes, rejeitando o conceito de estado laico (“não tem essa historinha de Estado laico, é Estado cristão”) — discurso que foi modificado após a eleição (“o Estado é laico, mas nosso governo é cristão”) —, Bolsonaro representou o culminar da mais poderosa e ampla teologia política da história do Brasil recente. Por mais que outros partidos tivessem suas bases religiosas e seus teólogos oficiais, ainda que idolatrias cerquem todo o cenário político eleitoral do país desde que se possa recordar, ninguém escalonou o messianismo como o Messias de 2018.

Depois que Bolsonaro sofrera um atentado a facada quase fatal durante a campanha, em 6 de setembro de 2018, não poucos perfis começaram a tratar o presidenciável como uma espécie de mártir. O crime que sofreu não foi interpretado como uma ação isolada de um louco que dizia agir a mando de deus, mas sim fruto de uma conspiração globalista contra a vida do candidato. Fortaleceram-se cada vez mais narrativas religiosas que elevavam Bolsonaro a um tipo de Cristo. Páginas em redes sociais começaram a compartilhar frases como “ele sangrou por nós” ou “ele sangrou por ti”. Convites para manifestações de rua em apoio ao governo traziam essas frases e uma imagem do presidente nos braços do povo. Outras imagens mostravam Bolsonaro afundando em um mar enquanto Jesus o segurava pela mão, em referência ao momento bíblico de Pedro andando sobre as águas, com os dizeres vindo da boca do

Cristo: “Segure em minha mão, capitão... ainda temos que salvar um país inteiro”. Ou seja, Bolsonaro estaria salvando o país tanto quanto, e ao lado de, Jesus.

Essas divinizações não foram mera ferramenta em busca de votos, mas permaneceram como parte da narrativa de validação do governo após as eleições. Roberto Jefferson, presidente do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), foi ainda mais longe nas metáforas religiosas quando postou dia 21 de julho de 2020 no Twitter que a direita está unida por Cristo. Ele também fez um paralelo constrangedor com a doutrina cristã da Trindade: “Sentada à direita de DEUS PAI todo-poderoso. Nossa trindade é Pai, Filho e Espírito Santo. Messias Bolsonaro é nosso Líder. Devemos poupá-lo e lutar por ele. Nós brigamos, ele governa. Trindade; ele é o líder, nós os liderados. O céu [é] nosso teto”.⁴ Nessa pantomima, Bolsonaro seria o Deus Pai de uma trindade política em que os outros políticos menores seriam inferiores e subordinados – o que corrompe o próprio significado teológico de Trindade. Em almoço com artistas no dia 28 de janeiro de 2021, antes de Bolsonaro mandar jornalistas “enfiar no rabo” latas de leite condensado (o governo estava sendo questionado por gastar R\$ 15 milhões com leite condensado), Roberto Jefferson comparou aquela refeição com o presidente à Eucaristia, a Santa Ceia cristã,⁵ onde a presença de Cristo é recebida em um momento de alimentação com pão e vinho simbolizando o corpo e o sangue de Jesus.⁶ Além disso, cantou o famoso louvor cristão *Agnus Dei*, cuja letra diz: “Aleluia / Santo, santo / É o Senhor Deus poderoso / Digno de louvor / Tu és santo, santo”, em louvor ao próprio presidente. Ele mesmo declara sua intenção ao compartilhar a filmagem no seu Twitter, dizendo: “*Agnus Dei*, Aleluia em louvor ao Presidente Bolsonaro”.⁷ Como o presidente pode estar sendo louvado com uma canção sobre a santidade de Deus?

Isso não foi exclusividade de Roberto Jefferson. Quando Ernesto Araújo, então chanceler, foi questionado por Joel Pinheiro da Fonseca, na edição de 01/02/2021 do *Morning Show*, da Jovem Pan, sobre sua presença neste momento vergonhoso, não apenas

gargalhando do presidente mandar a imprensa enfiar leite condensado naquele lugar, mas de entoar com os presentes o grito de “Mito! Mito! Mito!”, ele respondeu que “essa ideia de o povo brasileiro vê-lo como mito, eu acho que isso é absolutamente fundamental para o papel transformador que ele e o nosso time está tendo no Brasil”. Joel replicou questionando se o ministro achava positiva a veneração por vezes fanática ao presidente que é observada em muitos lugares, citando até mesmo os radicais que invadiram o Capitólio americano semanas antes por veneração a Trump, deixando cinco pessoas mortas no processo, e o ministro respondeu: “acho plenamente válido sim”.⁸

Outros agentes de governo seguiram a mesma cartilha. Após a saída de Sergio Moro do Ministério da Justiça – que não parou de ser comparado a Judas Iscariotes nas redes bolsonaristas –, a pasta passou a ser comandada pelo pastor presbiteriano e ex-Advogado-Geral da União André Mendonça, que em seu discurso de posse, tratou Bolsonaro como um “profeta do combate à criminalidade”.⁹ Um profeta, segundo a teologia bíblica, é alguém cujas palavras provêm diretamente de Deus, e que deve ser seguido sem restrições.

Infelizmente, essa postura se deu dentro dos contextos mais intimamente cristãos. No dia 2 de abril de 2019, em frente ao Palácio do Planalto, um grupo de pastores abordou o presidente para entregar mensagens proféticas. Na ocasião, o pastor Willian Ferreira disse a Bolsonaro: “e o que o senhor falar aqui na Terra, com esses pastores, que nós estamos aqui, com seguranças, tudo o que nós ligarmos aqui na terra, será ligado no céu”.¹⁰ Essa linguagem sai do Evangelho de Mateus, quando Jesus deixa claro que, por possuir as chaves do Reino, Pedro (segundo os católico-romanos) ou a Igreja (segundo geralmente se interpreta no protestantismo) possui a autoridade de representar em suas decisões terrenas a realidade espiritual no que diz respeito a “ligar e desligar” coisas na Terra. Enquanto igrejas históricas entendem isso com relação a salvação, onde a Igreja reconhece (“liga”) a fé dos salvos através do batismo ou rejeita (“desliga”) a descrença dos ímpios através da excomunhão, grupos neopentecostais passaram a interpretar essa declaração como uma capacidade de mover o mundo espiritual

através de orações fervorosas e declarações verbais de otimismo, pelas quais moldamos o mundo espiritual através de nossas palavras. Ao ser trazido a este relacionamento, o líder político Jair passa a ser incorporado à relação profética da igreja, tornando-se o líder religioso Jair.

Depois de Bolsonaro convidar aqueles que tinham fé para um jejum nacional no dia 5 de abril de 2020, a pedido desses pastores, o canal de TV da Igreja Batista Getsêmani veiculou um vídeo com os mais proeminentes pastores evangélicos do país, das mais variadas denominações, de presbiterianos a neopentecostais, comparando Bolsonaro com Josafá quando este conclamou um jejum por todo o reino de Judá. Diz a narração: “Os maiores líderes evangélicos deste país atenderam à proclamação santa feita pelo chefe supremo da nação, o presidente Jair Messias Bolsonaro”.¹¹ O próprio presidente compartilhou o vídeo de uma jovem pregadora deficiente visual que viajou três dias de ônibus para lhe entregar profecias de que Deus o estava protegendo e validando, pois “Deus mandou falar para o senhor que tu és o escolhido dele”. A grande maioria dos quase quatro mil comentários do vídeo são de pessoas concordando, usando expressões de cunho religioso.¹² Em outro momento, alguém que se apresenta como apóstolo e diz que está representando os cristãos do Brasil, se refere ao governo como “o governo de Deus que está sobre ti nesta nação”.¹³ Os exemplos são incontáveis.

O apoio incondicional e religioso ao presidente se manteve explícito nos grupos católicos tradicionalistas e nos movimentos neopentecostais, mas foi encontrado também em evangélicos tradicionais. Pastores reformados passaram a diminuir o número de postagens bíblicas em suas páginas nos Facebook e Instagram para comentar notícias que sempre privilegiavam as posturas e ações do presidente. Pedidos públicos de oração e jejum se intensificaram, não com o agravamento da pandemia, mas com a anulação dos processos da Lava-Jato em que Lula havia sido condenado, tornando-o elegível novamente. Os discordantes, que defendiam distanciamento social durante a pandemia ou críticos às posturas do presidente, precisavam ficar calados para não perderem apoio ministerial.

É notável que, enquanto na tradição profética do Antigo Testamento os profetas geralmente tinham mensagens de juízo sobre os líderes políticos, os autoproclamados profetas modernos se limitam a elogiar e apoiar o presidente com suas mensagens. Estamos voltando, certamente, ao cenário condenado pelo próprio Deus por meio do profeta bíblico Jeremias: “Tenho ouvido o que dizem aqueles profetas, proclamando mentiras em meu nome, dizendo: ‘Sonhei, sonhei’. Até quando acontecerá isso no coração dos profetas que proclamam mentiras, que proclamam só o engano do próprio coração? (Jeremias 23.25-26). Os cristãos precisam lembrar que somos ensinados a sempre julgar e avaliar qualquer mensagem profética para considerarmos se aquilo é verdadeiro ou não, protegendo-nos de quem ensina falsidades em nome de Deus (1Coríntios 14.29). Acreditar em qualquer um que fale em nome de Deus é esquecer que Cristo alertou sobre muitos virem profetizando mentiras em seu nome (Mateus 24.4-24).

As profanações não acabam por aí. O apóstolo Renê Terra Nova, líder do Movimento Internacional da Restauração, levou um grupo de fiéis para se batizarem no rio Jordão, em Israel. No ato, a disposição dos batizados formava o número 17 – à época, número do partido do candidato.¹⁴ Ao microfone, há o brado: “Qual o nosso número?”, e a resposta também é aos brados: “dezessete!”. Novamente, perguntam: “Qual o nome do nosso líder?”, e a resposta é: “Bolsonaro!”. “Presidente da república?”, pergunta-se definitivamente, e “Bolsonaro!” é novamente a resposta. Todos então começam a entoar “Mito! Mito! Mito!”, ainda nas águas do batismo.¹⁵ O batismo é um dos principais símbolos do cristianismo como representação da morte e ressurreição do convertido ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Simboliza a morte e a ressurreição do crente para uma nova vida em Cristo. Aqui, o símbolo é ressignificado para que represente, também, um ato profético em favor do presidente. Um ato de profanação religiosa que deveria ofender qualquer espírito cristão, que não se deu apenas no batismo, mas em sua díade, a ceia.

Assim como o batismo, a Santa Ceia (ou Eucaristia) é um símbolo profundo e santo do cristianismo, reservado apenas aos que

vivem intimamente a vida de igreja. Comunidades protestantes tradicionalmente rejeitam a comunhão eucarística com católico-romanos, mórmons e Testemunhas de Jeová. Mesmo assim, em um culto de Santa Ceia realizado pela bancada evangélica, o presidente participar da ceia é louvado por alguns cristãos que realmente acreditam em uma conversão evangélica do presidente, que continua se professando católico até hoje, mesmo tendo “aceitado Jesus” meia dúzia de vezes.¹⁶ O que seria considerado, segundo a teologia protestante, uma profanação – alguém não convertido segundo os moldes do protestantismo participar do ato de comer do corpo e beber do sangue de Cristo, certamente o ritual mais elevado de todo o cristianismo –, passa a ser visto como algo belo e louvável. É a submissão do religioso ao político.

Depois de eleito, foi apresentado na igreja do pastor Silas Malafaia como alguém escolhido por Deus mesmo sendo desprezado pelos poderosos. Malafaia ressignificou um texto bíblico sobre salvação da alma e aplica à eleição de Bolsonaro.¹⁷ Sóstenes Cavalcante, deputado federal aliado de Silas Malafaia, também teria declarado: “A facada reforçou muito entre os evangélicos a sinalização de que a eleição de Bolsonaro ocorrerá pela vontade de Deus”.¹⁸ O senador Magno Malta orou de mãos dadas por Bolsonaro na noite em que foi anunciada sua vitória eleitoral, chamando-o de “cristão verdadeiro”, dizendo: “A tua Palavra diz que quem unge a autoridade é Deus, e o Senhor ungiu Jair Bolsonaro”.¹⁹

Pouco tempo depois, no templo de Salomão, o bispo da Igreja Universal Edir Macedo, na ocasião da eleição recente de Bolsonaro, disse que iria ungir o presidente da mesma forma que um dia o profeta Samuel ungiu o rei Davi. No Antigo Testamento, Davi foi um rei que representou o próprio cuidado de Jeová sobre seu povo, e que serviu de tipologia para a própria figura do Messias divino. O bispo chegou a comparar o presidente com o próprio Deus ao dizer que Deus honra aqueles que o honram e que, para honrar Deus, é preciso crer em sua Palavra. Então declarou: “Hoje nós estamos recebendo a presença do presidente Jair Bolsonaro, e ele foi eleito porque acreditamos na palavra dele. Aqueles que perderam a eleição foi porque nós não cremos na palavra deles”.²⁰ Dentro dos

círculos neopentecostais, a figura do líder ungido chama atenção por ser geralmente intocável. Criticá-lo é como criticar o próprio Deus que o enviou. É comum descontextualizarem falas messiânicas do Antigo Testamento, como “não toqueis no ungido do Senhor” (cf. Salmos 105.15) para repreender qualquer postura de exame ou julgamento da figura de liderança. Silas Malafaia, por exemplo, em uma de suas falas mais famosas, disse:

*Quem é que toca no ungido do Senhor e fica impune?
Ungido do Senhor é problema do Senhor, não teu. Teu
pastor é ladrão? É pilantra? Você não está gostando? Sai
de lá e vai pra outra igreja. Não se mete nisso, não,
porque não é da tua conta. Cai fora. Vai embora [...] Só
não arruma problema. Não toca em ungido [...] Rapaz,
aprenda isto: eu já vi gente morrer por causa disso, meu
irmão. [...] Quem é você para julgar um pastor ladrão,
afinal?*²¹

Não apenas Malafaia prega esta postura de total e absoluta complacência aos “ungidos”. Essa é uma doutrina padrão nos círculos neopentecostais e é propagado em congressos pelas mais variadas lideranças. Versos bíblicos que eram usados contra o assassinato de líderes civis escolhidos por Deus em um contexto israelita passam a ser aplicados ao juízo moral até mesmo de pastores ladrões. Aplicado a uma figura civil, este conceito cobra um tipo perigoso de subserviência estatal.

Esse tipo de postura não aconteceu à revelia da vontade do presidente. Bolsonaro se vendeu várias vezes como um bom cristão em discursos e em redes sociais. Podemos encontrar em suas redes postagens com versículos, clamores pela bênção de Deus, alianças com líderes evangélicos e fotos em momentos de oração. Não foram poucas as vezes que Bolsonaro “aceitou Jesus”, termo comum nos círculos protestantes para se referir à conversão à fé cristã. Ele o fez ao ser batizado no rio Jordão pelo Pastor Everaldo em 2016, no culto de ação de graças do Planalto, no fim de 2019 e, no começo

de 2020, no megaevento cristão *The Send*. Essa é uma prática comum no ambiente político.²² No entanto, Bolsonaro levou essa profanação aos símbolos de fé a um novo nível. No dia 12 de abril de 2020, domingo de Páscoa, ele comparou a facada que recebeu com a morte e ressurreição de Cristo Jesus.²³ Fábio Py, doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, escreveu que a “alegoria da Páscoa fora utilizada para uma nova construção da imagem de Bolsonaro, a do servo sofredor que venceu a morte para defesa da nação”.²⁴

A melhor forma de descrever o comportamento teológico-político do bolsonarismo é como *profanação messiânica*. Mesmo que muitos tenham tentado usar a igreja para conseguir votos, a profanação dos símbolos religiosos do cristianismo para fins políticos e a exaltação de Bolsonaro como uma figura ungida e profética inundou a campanha de Bolsonaro de modo diferente – muito mais constante, muito mais espiritualista, muito mais profético. Ele se batizou sem se converter, aceitou Jesus meia dúzia de vezes, falou em cultos sem pregar a Palavra. Ele tomou nossos símbolos e fez deles arma de troca eleitoral. Usou o nome de Deus em vão em sua campanha e em seu governo.

Repetem amiúde que Bolsonaro é cristão, ainda que não frequente fielmente qualquer igreja, que não esteja sujeito a qualquer liderança pastoral, que esteja no terceiro casamento, ainda que fale com violência e vulgaridades irreproduzíveis, ainda que seja acusado de vários atos de corrupção etc. Bolsonaro fala em Deus frequentemente porque sabe que seus eleitores são religiosos, mas ele mesmo não possui compromissos reais de fé. Ele possui algumas pautas que coincidem com a agenda religiosa, como ser contra o aborto, mas possui várias outras políticas anti-Deus: por exemplo, deixou crianças sem oxigênio em UTIs pelo Brasil pela negligência no trato com a pandemia de 2020²⁵. Pastores poderosos se deixam levar pela atenção dada pelo Presidente e fazem campanhas em seus cultos. Justificam as agressividades incompatíveis com o evangelho de Cristo comparando Jair com o apóstolo Pedro, que tinha um comportamento também irascível, ignorando que Pedro foi

transformado por Cristo e assumiu comportamentos diferentes como líder público em Atos e em suas epístolas.

Bolsonaro não é cristão — pelo menos não é mais cristão que qualquer crente nominal que viva elogiando Jesus e negando seus ensinamentos. Jesus disse que quem o ama guardaria seus mandamentos (João 14.21). Bolsonaro não ama a Cristo; Bolsonaro não demonstra Jesus em sua vida; Bolsonaro não parece seguir a Deus em suas políticas; Deus, para ele e sua equipe, é um mero *slogan* eleitoral; Bolsonaro usa o nome de Deus em vão em troca de votos, profana o nome do Senhor na tentativa de enganar membros de igreja. Nisso, ele se encaixa na verdadeira definição de falso mestre e falso profeta — às vezes, até de falso messias. Em Apocalipse 13, vemos que os homens vão pensar que estão adorando a Deus ao adorar o governante do anticristo, em um retorno às figuras do bezerro de ouro e do primeiro rei humano de Israel em 1 Samuel 8. Ele assumiu a postura de um anticristo.

O termo “anticristo” fala daquele que é oposto a Jesus, mas não só. Teólogos entendem que é uma oposição por semelhança. O anticristo é “anti” porque quer estar no lugar de Cristo, e por isso o imita com afinco. Políticos que atuam no espírito do anticristo terão palavras de blasfêmia proferidas com disfarce de religiosidade e devoção. É o que encontramos em governos ditos “cristãos”, mas que apenas usurpam nossa linguagem religiosa e algumas pautas morais conservadoras, enquanto prosseguem com seus próprios projetos de poder. A autoridade que assume representar a Deus é guiada pelas forças de Satanás. Os povos não percebem isso, pois estão absorvidos por sua autoridade e poder. Os santos, por outro lado, entendem a fonte daquela autoridade. Se interpretarmos a besta que saiu do mar como o governo do anticristo (ou como o próprio), então os alertas de Paulo se aplicariam de forma apropriada. Falando dessa figura apocalíptica, ele diz: “Este se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração, a ponto de se assentar no santuário de Deus, proclamando que ele mesmo é Deus” (2 Tessalonicenses 2.4). É

fundamental que não nos iludamos com qualquer um que fale em nome de Deus.²⁶

O governo de Bolsonaro não pode ser considerado um governo cristão, e é um governo que toma o nome de Deus em vão. Quem melhor expressa isso é o pastor protestante Guilherme Vilela Ribeiro de Carvalho, da Igreja Esperança em Belo Horizonte. Ele é diretor do *L'Abri Fellowship Brasil*, fundador da Associação Kuyper para Estudos Transdisciplinares (AKET) e presidente da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência (ABC2). Reconhecido pelos seus pares como uma das mentes teológicas mais brilhantes do país. Esteve envolvido em várias publicações discutindo temas profundos e complexos, e é um dos principais responsáveis pela divulgação do complexo filósofo holandês Herman Dooyeweerd no Brasil. Autor de textos sobre cristianismo e idolatria política e crítico de muitos aspectos do que se tornaria o governo Bolsonaro, tornou-se Diretor de Promoção e Educação em Direitos Humanos no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos sob o governo bolsonarista. Esta era uma experiência intrigante para outros teólogos. Por mais que pastores diversos estivessem envolvidos com o governo, poucos teólogos tradicionais críticos dos estatismos de esquerda e direita podiam agir no governo a partir de dentro.

Após alguns meses, no entanto, Guilherme de Carvalho decidiu deixar o governo. Além das várias entrevistas que deu, publicou um artigo chamado “O Nome de Deus no Governo Bolsonaro: uma crítica teológico-política”,²⁷ onde apresenta, entre outras narrativas teológico-políticas, motivos pelos quais o bolsonarismo se tornou incapaz de representar os valores cristãos no mundo público.

Primeiramente, Guilherme acusa o governo de um “espírito revanchista e cheio de ressentimento”. Esse espírito não permitiria qualquer movimento em direção ao diálogo ou à reconciliação, demonstrado claramente “na queima de reputações, na incivilidade no debate público e na incapacidade de construir círculos de cooperação a despeito das divergências”. Isso constituiria, então, a “clara negação do espírito Cristão que, segundo o exemplo de Cristo, promove a pacificação, a tolerância na diferença e a

comunicação genuína”. Diante desse tipo de postura *emocional*, Guilherme conclui que o “*pathos* do atual governo não é cristão”.

O segundo pecado político do bolsonarismo seria “o desprezo pelas instituições e a tentativa de governar manipulando as massas contra outras autoridades públicas”, em um terrível autoritarismo que manifesta “o mesmo método neopopulista renovado pelas esquerdas” nos governos anteriores. Segundo Guilherme de Carvalho, isto seria tanto estimulado quanto tolerado pela presidência da república, com “claros gestos de idolatria política, oriundos da extrema direita e de apoiadores radicais”, negando a “visão cristã do poder político”.

O terceiro pecado do bolsonarismo estaria relacionado ao que já apresentamos anteriormente, “o desprezo pela imprensa e pela comunidade acadêmica e científica e o esforço para desqualificar a autoridade desses campos”. Para o Rev. Guilherme, isto “se mostra uma perigosa faceta do autoritarismo”. Ninguém nega que vários setores da imprensa carecem de ética profissional e cometam fraudes variadas, e que o ambiente acadêmico tem carências muito sérias no Brasil. No entanto, “não é função do Estado desqualificar o jornalismo nem a universidade, mas assumir a liderança nacional na construção do diálogo e no fomento a melhores práticas”.

O quarto pecado estaria relacionado à degradação de um “necessário e louvável amor pela pátria” em um tipo desmedido e prejudicial de nacionalismo, “alimentando teorias conspiratórias contra os sistemas de defesa dos direitos humanos e do meio ambiente”. Nisso, relaciona-se com o quinto pecado, “o descuido pela pessoa humana e pelo meio ambiente” de forma a ser “incompatível com a ética cristã do cuidado”. Para Guilherme de Carvalho, esse descuido “se mostra no preconceito, dentro do governo, contra a promoção da dignidade e dos direitos da pessoa humana, no descompromisso com os vulneráveis e no desinteresse pela conservação ambiental”. Ele pergunta: “De que adianta ser ‘pró-vida’ e ‘pró-família’, se o princípio da fraternidade é tão despudoradamente ignorado?”.

O sexto e último pecado listado pelo Rev. Guilherme é “o desprezo pela vida humana [que] se manifesta em uma patológica celebração simbólica da violência”. Para o pastor, “a celebração inconsequente da violência e do armamentismo e a banalização da morte destroem a capacidade do governo de se comunicar com as faixas da população que mais sofrem com a criminalidade e legitimam o espírito autoritário nesse sistema”. Enquanto é profundamente cristão “priorizar as vítimas de violência e agir duramente contra o crime, não é papel do Estado concluir o processo de desumanização do criminoso, pois só Deus tem esse poder”. O problema não é, por si só, a defesa do acesso responsável ao porte de armas, mas da celebração da violência como personalidade eleitoral e política.

Depois disso, Guilherme não poderia encerrar melhor seu testemunho profético contra as agendas governamentais:

Diante desses fatos, só posso considerar que, em seu mote “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, o governo Bolsonaro, a partir de seu núcleo ideológico, usa o nome de Deus em vão, violando, entre vários outros, o terceiro mandamento do decálogo. Pois ele usa o nome de Deus e solicita assim a colaboração das igrejas cristãs, negando o próprio espírito do cristianismo. E usar o nome de Deus para fins escusos é exatamente o que é proibido pelo Deus de Abraão, de Isaque, de Jacó, de Moisés e de Jesus Cristo.

A incapacidade de honrar a Deus decorre do fato de que o “Deus” do governo Bolsonaro é uma abstração. É um símbolo de autoridade. Embora Deus detenha, de fato, toda a autoridade, sendo o “Todo-Poderoso”, esse Deus é o Pai de Jesus Cristo, segundo o Credo Apostólico. Não compreendemos o Deus Todo-Poderoso sem Jesus Cristo. E Jesus Cristo está ausente do núcleo ideológico. Jesus Cristo, servo dos homens, pacificador, cuidador do rebanho de Deus, onde ele está? Um governo que se

*preocupa mais com a narrativa antiglobalista do que com
impacto da pandemia sobre os idosos, o que sabe ele
sobre Jesus Cristo?*

Como um governo que se tornaria tão oposto à fé poderia ser apoiado por uma igreja que diz seguir os ideais de Cristo? A resposta está na promoção de Bolsonaro como uma *dobradiça da história*.

2. DOBRADIÇA DA HISTÓRIA: O APOCALIPSE COMO CAMPANHA POLÍTICA

DIANTE DA TRÁGICA derrocada do lulopetismo com o impeachment de Dilma e a prisão de Lula, Bolsonaro passou a ser interpretado como uma *dobradiça histórica* para o Brasil. Se ele não fosse eleito, o Brasil não suportaria os anos seguintes de *venezuelização*. A propaganda política se tornou, nesse sentido, cada vez mais apocalíptica. Perseguição religiosa, doutrinação nas escolas e escândalos de corrupção poderiam continuar com mais força. Diante da possibilidade de reeleição de um candidato do PT, a eleição do Bolsonaro foi vista como um momento apocalíptico – nenhum candidato teria força eleitoral para tirar o Brasil da mão do maior escândalo de corrupção de sua história recente.

Esse recurso meio verdadeiro, meio sensacionalista, teve sua versão gospel. A liberdade religiosa no Brasil é, por um lado, bem estabelecida, mas também frágil e constantemente sob ataque – como tudo o que há nesta terra de insegurança jurídica. Basta o cristão médio ser bombardeado pelas imposições das perspectivas de gênero, dos esforços por normalização da mudança de sexo, da determinação do uso de gênero neutro, das faixas de “morte aos cristãos” em universidades, e então está posto um imaginário apocalíptico – imaginário que não deixa de ser parcialmente verdadeiro, mas que falha em ignorar as garantias constitucionais e culturais que ainda prevalecem à revelia dos esforços de transformação cultural de uma elite anticristã. Algumas mentiras ajudaram Bolsonaro a criar este clima. Os constantes ataques ao *kit gay* faziam cristãos temerem a sexualização de suas crianças nas escolas, quando, na verdade, os livros mostrados eram materiais

voltado a professores e vetados – veja só – pela Dilma Rousseff.²⁸ No entanto, Bolsonaro e sua família faziam parecer que apenas com sua eleição esse tipo de obra seria proibido para as crianças do país. Essa propaganda se tornou um convite para a ação em interpretar Bolsonaro como uma parte do sentido histórico. Ele era um enviado de Deus para impedir a derrocada final da nação. Era agora ou nunca.

Bolsonaro passou a acreditar nessa narrativa messiânica. Logo após ser eleito, em entrevista a Alberto Armendáriz, do jornal argentino *La Nación*, Bolsonaro diz: “Eu tenho uma missão de Deus, eu vejo dessa forma”.²⁹ Em fevereiro de 2020, tornou-se notícia que o presidente Jair Bolsonaro estava disparando de seu celular pessoal uma mensagem de convocação para que as pessoas fossem às ruas no dia 15 de março em defesa do governo e contra o Congresso Nacional. Entre imagens da facada e de sua recuperação no hospital, com o hino nacional ao fundo, aparece o seguinte texto em tela:

Ele foi chamado a lutar por nós. Ele comprou a briga por nós. Ele desafiou os poderosos por nós. Ele quase morreu por nós. Ele está enfrentando a esquerda corrupta e sanguinária por nós. Ele sofre calúnias e mentiras por fazer o melhor para nós. Ele é a nossa única esperança de dias cada vez melhores. Ele precisa de nosso apoio nas ruas. Dia 15.3 vamos mostrar a força da família brasileira. Vamos mostrar que apoiamos Bolsonaro e rejeitamos os inimigos do Brasil. Somos sim capazes, e temos um presidente trabalhador, incansável, cristão, patriota, capaz, justo, incorruptível. Dia 15/03, todos nas ruas apoiando Bolsonaro.

Aqui, Bolsonaro é apresentado como um *mediador*. Alguém que se põe entre nós e o destino histórico. Alguém contra as forças do mal, sofrendo em nosso lugar com plena justiça, vestido em manto de incorruptibilidade. Como toda religião, há um zelo militante em resposta ao tremendo e fascinante. Devemos lutar por ele já que ele

luta por nós. Seu chamado é também nosso chamado. Isto é verbalizado com clareza pelo Ministro das Relações Exteriores nos primeiros dois anos de governo, Ernesto Araújo, no discurso de formatura do Instituto Rio Branco, em 2019:

*Outro dia, senhor presidente, o senhor nos dizia também a alguns ministros e outros funcionários que o acompanhávamos na ocasião: “Nós temos uma oportunidade única de mudar o Brasil”. Eu tomei essas palavras não somente como uma pertinente avaliação do quadro político, mas como um chamamento, como o toque de um clarim, como uma missão. Eu conclamo aqui todos desta casa a participarem dessa missão, como um compromisso existencial profundo, mudar o Brasil, transformar o Brasil na grande nação que nós somos chamados a ser. Brasil, escuta hoje esse clarim que o conclama a um grande destino histórico. E o que nós faremos diante desse grande chamado?*³⁰

Esse apelo missionário mostra como o governo se vê e deseja ser visto. Há uma trombeta que convoca homens e mulheres a um compromisso existencial profundo em participar dos planos do presidente. Como poderia ser diferente se Bolsonaro é interpretado como uma dobradiça da história – alguém em torno de quem se sustenta o ponto de inflexão de um novo Brasil? As últimas palavras de seu discurso comparam Bolsonaro com o próprio Cristo, usando um versículo bíblico cristológico muito famoso:

Eu gostaria de encerrar, se me permitem, citando o Evangelho. Quando diz: “a pedra que os construtores rejeitaram, essa pedra tornou-se a pedra angular do edifício”. De fato, a pedra que os órgãos de imprensa rejeitaram e a mídia rejeitou, e a pedra que os intelectuais rejeitaram, a pedra que tantos artistas rejeitaram, a pedra que tantos autoproclamados especialistas rejeitaram, essa

*pedra tornou-se a pedra angular do edifício, o edifício de um novo Brasil. Esse raio vívido de amor e de esperança que à terra desce. Senhor presidente, nós aqui do Itamaraty, formandos e formados, modernos e antigos, homens e mulheres, todos nós estamos prontos para, a partir da sua orientação e com base na pedra angular rejeitada por tantos, mas escolhida pelo povo brasileiro, ajudá-lo a construir esse novo Brasil.*³¹

Essas palavras levaram às lágrimas o ministro da Cidadania Onyx Lorenzoni. O problema é que nos evangelhos Jesus disse que ele era a pedra angular (Mateus 21.42; Marcos 12.10; Lucas 20.17). Essa é uma referência a textos messiânicos do Antigo Testamento que falam do Messias vindouro como o fundamento sobre o qual seria construída a comunidade de Deus. O salmista escreveu: “A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a pedra angular” (Salmo 118.22). O profeta Isaías também afirmou: “Vejam, ponho uma pedra em Sião; uma pedra angular escolhida e preciosa, e aquele que confiar nela jamais será envergonhado” (Isaías 28.16, cf. 1Pedro 2.6). Jesus, esta pedra angular, foi rejeitado pelos judeus e oferecido por todos os povos. Essas passagens falam da universalidade da salvação em Cristo Jesus. Na teologia política do governo, no entanto, Bolsonaro é esta pedra angular. Ele foi rejeitado pela mídia, mas se tornou o fundamento sobre o qual o novo Brasil se sustenta. É sobre Bolsonaro que todos estamos de pé. Este é um tipo particularmente apocalíptico de estatismo. Quando Lula comparou o que chamou de “perseguições” da Operação Lava Jato com os sofrimentos de Cristo, em 2016, comunicadores que se tonariam evidentes bolsonaristas acharam isso um acinte de megalomania moral. Bolsonaro, sem dúvida, é o homem público que mais recebe comparativos religiosos desde a redemocratização, e isto não parece abalar as estruturas fundamentais do bolsonarismo.

O quadro *Ecce Homo* do pintor barroco italiano Domenico Fetti (1589-1623) mostra um Cristo entristecido, com sua coroa de espinhos, e a seguinte pergunta abaixo de suas mãos: “*Ego pro te*

haec passus sum. Tu vero quid fecisti pro me” [Sofri isso por ti. Agora, que fareis tu por mim?]. Foi olhando esse quadro aos dezenove anos que o conde Nicholas Zinzendorf (1700-1760) fundou a Igreja Moraviana, o maior movimento missionário da história do protestantismo. As pessoas conseguem fazer muito quando contemplam em adoração alguma face de sofrimento. Os discursos do governo nos motivam a olhar a face de sofrimento do presidente, que por sua vez pergunta aos eleitores, como um tipo de Cristo: fiz tudo isso por ti; o que fazes tu por mim?

Depois de eleito, muitos cristãos se convenceram que não podiam tecer críticas a qualquer prática de Bolsonaro por causa de Romanos 13. O famoso texto paulino diz que todos devemos estar “sujeitos às autoridades superiores”. Alguns começaram a interpretar isso como um mandato para torcer a favor, para elogiar sempre que possível, para evitar críticas ou mesmo como uma validação de qualquer um que está eleito. Há quem tenha chegado no extremo de não mais aceitar *pensar* sobre qualquer coisa que o presidente dissesse. Abraham Weintraub, quando Ministro da Educação de Bolsonaro, disse, em 19 de outubro de 2020, na *V Conferência para Agentes Públicos e Políticos Cristãos da Frente Parlamentar Evangélica no Congresso Nacional*, que lutava contra inimigos poderosos, pessoas que estão por trás de grandes canais de mídia e que queriam propagar os ideais marxistas nas universidades. Então, afirmou: “Presidente Bolsonaro é o rei Davi que está enfrentando Golias. Eu sou a pedra que o rei Davi pegou do chão, colocou na funda e jogou para derrubar Golias. E a pedra não pensa, ela voa”.³² Ou seja, sua postura deveria de ser um mero instrumento nas mãos de Bolsonaro, sem pensar, sem questionar, apenas voar para o alvo. Isso é condizente com o percebido por Ricardo Alexandre:

Construindo sua imagem à semelhança dos líderes religiosos carismáticos de tantas igrejas evangélicas brasileiras, Jair Bolsonaro se vendeu como o porta-voz da verdade; o escolhido livrado da morte para salvar o Brasil;

*aquele que, a despeito de despreparo, contava com Deus para capacitá-lo; o único com a coragem para interromper o avanço das minorias e proteger os crentes dos perigos do “mundo”. Depois de meses e anos investindo nessa construção, colheu exatamente o que colhem esses líderes religiosos: a submissão incondicional.*³³

Eu pude explicar biblicamente na obra *No alvorecer dos deuses* que o sentido de submissão às autoridades em Romanos 13 é apenas de *obediência às leis*, não de qualquer subserviência a políticos específicos em suas vontades ou apelos de militância. Este tipo de postura submissa é próprio apenas do que entregamos a Deus. Tanto que o Novo Testamento é claro em diferenciar o tipo de tratamento que damos ao Senhor do que damos às figuras estatais. No verso 7 de Romanos 13, Paulo fala de darmos “honraria pública” (*phobos*, φόβος) e consideração de estima (*timē*, τιμή) aos governantes. A ideia é de prestar algum tipo de reverência – não de forma religiosa, mas civil. Paralelamente, em 1Pedro 2:17, lemos: “Temei [*phobeisthe*, φοβεῖσθε] a Deus. Honrai [*timate*, τιμάτε] ao rei”. Enquanto Deus recebe o *phobeisthe*, a admiração e o respeito que chegam ao nível do temor,³⁴ o rei recebe o *timate*, a atribuição de status elevado.³⁵ O poder temporal não tem nossa subserviência última. Nós honramos o rei, mas só tememos a Deus.³⁶ O próprio Cristo apresenta divisões no tratamento que damos a Deus e a César: “Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mateus 22.21).

Veja bem. Quando Jesus diz que damos a Deus o que é de Deus e a César o que é de César, ele implica que não damos a César o que é de Deus. Escrevendo aos Romanos, Paulo diz que damos aos governantes o que lhes é devido, mas nada além: imposto, obediência às leis e honra. Pedro é mais explícito, e depois de parafrasear Paulo, diz que honramos ao rei, mas só tememos a Deus. Como pastores de almas, Jesus, Paulo e Pedro pareciam mais preocupados com a postura dos cristãos diante dos políticos do que com os resultados práticos da política. Não que este seja

desimportante, mas economia e sociedade são pouco em comparação com alma e coração. Os poderes temporais vêm e vão, mas os efeitos da submissão ideológica, da adoração civil ou da escatologia secular secam o espírito até o encontro com a eternidade.

Muitos são os sinais de que damos a César o que é de Deus. É quando nos dispomos a seguir a César incondicionalmente. É quando proclamamos com insistência. É quando defendemos com pressa, quando fechamos os olhos para os defeitos — e quando os defeitos se acumulam, tratamos como pouco importantes. É quando julgamos o adversário como o mal absoluto, quando achamos que só nosso político preferido pode nos salvar, quando ele nos preocupa, quando ele move a história para uma batalha cósmica entre bem e mal, quando nos dedicamos a ler sobre ele mais que sobre qualquer outra coisa, quando nos congregamos em torno de quem também o ama e tratamos como inferiores quem está fora do grupo. É quando quem discorda é canalha, quando quem muda de ideia vira traidor, quando excomungo para fora da minha vida quem não o trata do mesmo modo. Tudo pode se tornar um deus em nossos corações. Esposas, filhos, alimentos, prazeres, recursos, opiniões, sonhos... dizem que há mais ídolos que realidades no mundo. Você pode achar um político melhor que outro. Você pode dar seu voto. Mas você não dá sua devoção. Deus acima de todos, até do presidente.

3. DOMÍNIO E VIOLÊNCIA: A BATALHA ESPIRITUAL CONTRA O MAL TOTAL

O QUE LEVA muitos a aceitarem a sacralização de Jair Bolsonaro e seu projeto de governo é pensarem que só ele pode nos livrar do *mal total e absoluto* chamado *comunismo*. Bolsonaro foi considerado uma dobradiça da história porque ele se elevou diante do inimigo mais mortal que se levanta sobre o Brasil – pelo menos, foi nisso que sua propaganda eleitoral se baseou. A esquerda era o mal absoluto, contra o qual Bolsonaro foi chamado a lutar. Sem ele, perderíamos a guerra cultural e o mal venceria definitivamente.

Quando esteve no poder, a esquerda investiu pesado na propaganda e na tentativa de implementação de pautas morais e de controle: aborto, homossexualidade, perspectivas de gênero, drogas, religião, regulação da mídia e liberdade. Eles queriam usar a força do Estado para ensinar antropologia ruim às crianças da escola pública, tentavam liberar o assassinato de crianças ainda no ventre, falavam de taxar igrejas, controlar a imprensa e aumentar impostos. Louvavam ditaduras, tratavam como alvo a ser alcançado um tipo de política que levava vizinhos latino-americanos a literalmente morrer de fome. Então surge um cenário tortuoso de prisões e impeachment. Seria a chance para alguém dizer que não é função do Estado pautar a moral familiar e controlar as instituições sociais. Seria uma lufada de ar ouvir nos debates: “você ensina filho sobre sexualidade de acordo com sua perspectiva, a escola não vai se meter nisso”, ou “a divisão entre igreja e Estado é reconhecida, em parte, evitando dupla taxação sobre as ofertas dos fiéis”, ou “cada um é livre para buscar sua felicidade e seu propósito no mundo sem interferência de forças burocráticas”, ou mesmo: “vamos focar em

administrar a máquina pública, focando em serviços básicos e fundamentais, sem tentar controlar a mídia, os valores e a cultura”. A esquerda moralizou o debate burocrático. Era finalmente hora de corrigir isso.

O coletivismo moral, no entanto, tem uma origem, que é o interesse do homem de controlar o mundo à sua imagem e semelhança, sendo o deus da criação. O problema para boa parte dos eleitores não é que o Estado tente pautar a existência, mas que tente pautar a existência a partir de perspectivas das quais discordo. Por isso, as pautas conservadoras começaram a se popularizar na política como resposta às pautas progressistas. As questões econômica e burocrática eram secundárias. Os debates se resumiam a fazer oposição às tentativas de moralização pública: contra drogas, contra perspectivas de gênero nas escolas, contra taxaço de templos religiosos etc. Nessa esteira, Bolsonaro cresceu. Ele representou uma oposição ao que os partidos de esquerda continuam tentando emplacar – e fracassando boa parte das vezes devido à maioria de pautas moralmente conservadoras no congresso e na sociedade.

Jair Bolsonaro soube capitalizar isso para seu benefício eleitoral. E quem poderá julgar o voto de 2018 de qualquer um? Hoje, é fácil olhar em retrospecto as falas polêmicas e violentas de Bolsonaro e entendê-las dentro do contexto maior de seu discurso, mas várias de suas declarações pré-eleições conseguiam ser relativizadas e diminuídas em gravidade quando comparadas com o que estava do outro lado. Enquanto Bolsonaro louvava o torturador Carlos Brilhante Ustra, mas negando que ele fosse realmente um torturador, as esquerdas louvavam assassinos e genocidas confessos. Não foi difícil transformar as eleições de 2018 em uma batalha do bem contra o mal – as pessoas precisaram ver no Bolsonaro um bem absoluto para não sucumbir diante daquilo que parecia ser a manifestação de um mal total.

Estar diante do *mal total* justifica tudo, até o crime. Nos tempos do Regime Militar, a luta contra o comunismo internacional justificava toda e qualquer ação criminosa por parte do Estado. Informes do

Serviço Nacional de Informações e do Centro de Informações do Exército constantemente assumiam que o Regime agira “ao arrepio da lei”, “fora dos trâmites normais da Justiça Militar” e com ações qualificadas como “crimes”. Um informe em particular criticava a independência do Judiciário, porque ele iria expor toda a corrupção do Regime, e o povo não suportaria “o descrédito que isso lançaria ao próprio movimento de 1964”. Esconder a corrupção era justificada, já que mostrar estes casos à população seria “uma arma bem eficiente que nós mesmos daríamos ao marxismo internacional contra o Brasil”.³⁷ Assim como em todo movimento revolucionário, a ética da ideologia submete a ética comum ao que melhor concretiza o plano político na história.

Com esse discurso de bem contra o mal, Bolsonaro passou a usar o linguajar da *batalha espiritual* que é tão comum nas igrejas neopentecostais. A esquerda é então encarnada como um mal demoníaco, inimigo da fé e do bem. Vencê-la seria vencer para Deus, manifestar a vontade do Senhor no mundo, impedir as hostes do diabo. A expressão do senador Magno Malta, logo antes de dar as mãos ao presidente em oração, é de que a esquerda é um monstro cheio de tentáculos que foi vencido pela própria mão de Deus manifesta na eleição de Bolsonaro: “os tentáculos da esquerda nunca seriam arrancados sem a mão de Deus”.³⁸

Quando saiu do governo, Ernesto Araújo escreveu em sua carta de despedida que as mentiras que o levaram a abandonar o cargo (no caso, suas críticas constantes à China, que na época era a principal fornecedora de insumos para vacinas contra Covid-19) eram despudoradamente utilizadas “para um projeto materialista que visa escravizar o Brasil e os brasileiros, escravizar o próprio ser humano e roubá-lo de sua dignidade material e, principalmente, espiritual”.³⁹ Para ele, havia uma batalha pela espiritualidade dos homens em seu trabalho como ministro, combatendo uma agenda materialista escravizadora.

Essa linguagem de guerra santa contra formas espirituais manifestas nas esquerdas políticas – seja nas mais radicais e comunistas ou nas mais brandas e democráticas – não é exclusiva

de movimentos protestantes neopentecostais, presente também no catolicismo romano da renovação carismática. No dia 8 de abril de 2020, quando saía do Palácio da Alvorada, Bolsonaro recebeu um grupo de católico-romanos que carregavam uma imagem de Nossa Senhora de Fátima. “Trouxemos a imagem de Nossa Senhora de Fátima porque ela vai livrar o Brasil do comunismo, porque esses erros são coordenados por nós, católicos apostólicos romanos”, disseram ao presidente. Um dos presentes continua:

*Presidente, pedimos também que Nossa Senhora derrame suas bênçãos sobre o senhor. Tem muita carga sobre você neste momento. O senhor representa essa luta, é a luta contra o comunismo no nosso país, por isso nós oramos pelo senhor e queremos rezar uma Ave Maria pedindo as bênçãos dela, que dê força para o senhor. Que dê energia para carregar o Brasil nos ombros do senhor, conte conosco, com nossas orações, a vitória é nossa!*⁴⁰

O diálogo encerra com: “O Senhor foi levantado por Deus, foi ungido por Deus, para estar neste momento levando nosso país”.⁴¹ Essa linguagem vem diretamente dos círculos de oração e dos manuais de batalha espiritual, uma série de visões populares entre religiosos sobre a importância de combatermos as influências do diabo na sociedade e na vida privada dos crentes através do jejum, da oração, da pregação e do evangelismo. Bolsonaro passou a ser ferramenta do processo de combate a forças das trevas.

O que soa inconsistente é que Paulo deixa claro em Efésios 5 que o combate espiritual do crente não é contra qualquer elemento humano (“carne ou sangue”), sejam pessoas, políticos ou partidos, mas sim contra as próprias entidades demoníacas que intentam nosso mal (“contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso”). Como uma eleição poderia representar uma vitória espiritual se a descrição desta batalha está em usar a “armadura de Deus”, definida em termos de fé, oração, pregação, justiça e perseverança, a fim de vencermos as tentações do pecado? Os movimentos espiritualistas do catolicismo-romano e

do neopentecostalismo retiraram a batalha espiritual da área da luta contra o pecado e da guerra pela nossa santificação moral, rejeitando tentações e abraçando boas obras, e a transformaram em um estabelecimento de domínio político e controle social violento e agressivo.

Se estamos em guerra contra o mal total, então a violência pode ser diminuída diante do suposto perigo de uma violência muito pior. Isso vem desde o golpe militar de 1964 não ser lamentado como um mal menor contra a possibilidade de um golpe comunista (argumento comum de Bolsonaro), mas louvado como uma bênção, digna até mesmo de fogos de artifício por parte do presidente. Ora, quem tem câncer celebra o fim da quimioterapia, não o começo. Ora, se o regime militar existiu para impedir que nos tornássemos uma ditadura comunista muito pior, deveríamos lamentar que as coisas tenham chegado àquele nível e louvar a redemocratização, não o arroubo de controle que a precedeu. A questão é que cada prisão ilegal, tortura de inocentes e assassinato de homens e mulheres não relacionados com qualquer tentativa de controle comunista é justificado diante de inimigos reais ou imaginados.

Ainda era 1999 quando, sendo entrevistado por Pedro Bial, Bolsonaro disse que o Brasil só mudaria se um dia fizéssemos “o trabalho que o regime militar não fez: matando uns 30 mil”, começando pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2003). O que justificaria isso? A guerra: “Se vai (*sic*) morrer alguns inocentes, tudo bem, [em] tudo quanto é guerra morre inocente”.⁴² Quando a política passa a ser vista como uma guerra constante contra o mal absoluto, tudo é justificado. Jair Bolsonaro pode dizer que uma adversária política não mereceria sequer ser estuprada por ser muito feia. Isto é diminuído diante do mal político que ela defende. Louvar Ustra como “o terror da Dilma” é justificado, porque Dilma era guerrilheira, e tudo bem torturar opositores da ditadura. Isso é justificado diante dos problemas do Supremo Tribunal Federal. Declarações racistas, homofóbicas, machistas e xenófobas de Jair Bolsonaro podem ser perdoadas ou mesmo reinterpretadas para parecer menos graves. É melhor ele que a volta do PT. Afinal, não

importa o que Bolsonaro faça. O eleitor dedicado vai suspirar e dizer: “ainda bem que não foi Lula”.

Todo este discurso de violência justificada pelo mal total tem seus efeitos. Nas redes sociais e em marchas, bolsonaristas falam da urgência de “*ucranizar* o Brasil”, referência ao expurgo violento de qualquer referência ao comunismo na Ucrânia, inclusive com invasão de grupos armados a prédios do governo. Em 2018, apoiadores de Bolsonaro realizaram pelo menos cinquenta ataques violentos contra opositores em todo o país.⁴³ Eduardo Bolsonaro ameaçou fechar o STF⁴⁴ e implementar um novo AI-5.⁴⁵ O bolsonarista de ocasião Roberto Jefferson, que já postou foto segurando uma metralhadora se dizendo pronto para combater o comunismo, falou várias vezes de guerra civil em caso de algum processo que culmine na deposição de Bolsonaro. Ele disse literalmente: “Bolsonaro só sai no tiro”, pois o presidente possui “uma base forte e disposta à luta. É uma base de leões. Se tiver que ir para luta, vai. Se tiver que defender o chefe, esse grupo vai. Eles vão para a rua e vão defender. E nós também”.⁴⁶ Sara Winter, ex-secretária da ministra Damares, ameaçou trocar socos com o ministro Alexandre de Moraes na porta de sua própria casa e o perseguir de modo incansável:

Sou uma pessoa extremamente resiliente. Pena que ele mora em São Paulo. Se ele estivesse aqui, estaria convidando ele para trocar soco comigo. Queria trocar soco com esse filho da p, infelizmente não posso. Você me aguarde, Alexandre de Moraes. Você nunca mais vai ter paz, a gente vai infernizar sua vida, vamos descobrir os lugares que o senhor frequenta, a gente vai descobrir quem são as empregadas domésticas que trabalham para o senhor... Vamos descobrir tudo até o senhor pedir para sair.*⁴⁷

Se o bolsonarismo profissional faz uma ameaça desse porte, pública, a um ministro da corte mais importante do país, imagina o que eles fazem por baixo dos panos a gente sem poderio? Os exemplos

poderiam encher um livro inteiro. *Youtubers* podem difamar, propagar ódio, construir *fake news* em laboratório, ameaçar, caluniar e perseguir. “Comunista nem é gente”, dizem, escolhendo a dedo quem é comunista de acordo com os próprios interesses. A menos que você seja apoiador incondicional do presidente, você será classificado como comunista. Comunicadores liberais, libertários, cristãos, socialdemocratas, republicanos, monarquistas, anarcocapitalistas se tornam parte do plano mundial de implantação da agenda do comunismo. Cada um que seja minimamente de esquerda passa a ser moralmente equivalente a um Stalin ou a um Hitler. Uma vez que você fica convencido de que todo adversário político é um Pol Pot, qualquer ato de grosseria, perseguição ou violência se torna justificado psicologicamente. É uma violenta teologia de domínio.

As mais variadas correntes do cristianismo possuem teologias de poderio político. Os movimentos reformados mais radicais possuem o reconstrucionismo. Essa teologia, popularizada por teólogos como Rousas Rushdoony, Greg Bahnsen e Gary North, defende que as leis civis dadas a Israel no Antigo Testamento ainda devem ser implementadas mais ou menos adaptadas às nações modernas. Seguindo esta visão, John Peter Lange diz que “nações, como nações, devem ser cristianizadas”.⁴⁸ David Chilton afirma que Cristo “deseja de nós o discipulado das nações – não de alguns indivíduos. [...] Nosso alvo é um mundo cristão, composto por explícitas nações cristãs”.⁴⁹ Estas visões, apesar de ainda possuírem seus poucos defensores em redes sociais, declinaram na década de 1990, beirando à extinção.

Os católico-romanos tradicionalistas, por sua vez, resgataram o conceito de guerra cultural, expressão originalmente alemã (*kulturkampf*, batalha cultural) usada para descrever o confronto entre agentes culturais e grupos religiosos nas campanhas políticas de 1871 a 1878. Olavo de Carvalho foi certamente o maior divulgador do conceito no Brasil, e influenciou a publicação de obras como a de Peter Kreeft, *Como vencer a guerra cultural*. O catolicismo romano sempre foi uma religião profundamente política (é

a única denominação cristã que possui um Estado oficial) e institucional, o que facilita uma interrelação íntima entre a propagação da fé e o estabelecimento de poderios políticos.

*Os neopentecostais possuem a teologia do domínio, movimento que remonta a Peter Wagner (1930-2016), o teólogo e missionário responsável por desenvolver o tema da batalha espiritual em nível estratégico. Para o professor do Fuller Theological Seminary, além de orar e evangelizar, os cristãos deveriam participar de esferas de domínio na sociedade, principalmente na política.*⁵⁰

Existe, ainda, a teologia dos sete montes, desenvolvida e popularizada por Bill Brihgt, fundador do *Campus Crusade for Christ*, e por Loren Cunningham, fundador do Jovens com uma Missão (JOCUM). Nesta corrente, os cristãos devem controlar sete áreas de influência social: família, religião, educação, governo, mídia, artes e economia. Ao conseguirmos isto, conseguiríamos ter nações para Cristo com mais facilidade. Jhonny Enlow publicou em 2008 a obra *The Seven Mountains Prophecy* [A profecia das sete montanhas], onde diz que a cultura é moldada por sete esferas sociais e que se pudermos influenciar cada uma dessas esferas para Cristo, venceremos a cultura de nossa nação. No mesmo ano, Edir Macedo publicou *Plano de poder: Deus, os cristãos e a política*, onde diz que os crentes devem participar do “projeto de nação idealizado por Deus para o seu povo”. Que projeto é este? Para o autor, a Bíblia “não se restringe apenas à orientação da fé religiosa, mas também é um livro que sugere resistência, tomada e estabelecimento do poder político ou de governo”.

O problema de cada uma dessas teologias é que cristãos passam a acreditar que uma imposição moral sobre os pecadores representa algo do desejo de Deus para o mundo. Um presidente de pautas morais cercado de uma equipe de opiniões fortes contra movimentos globalistas representaria, nesse sentido, uma melhora objetiva do mundo em um tipo de evangelização política. Assim,

aquilo que outrora estava relacionado à conversão da alma passa a falar diretamente de moralização cultural.

Isso acontece porque o bolsonarismo se tornou a culminação política do que poderíamos chamar de cristianismo cultural. É a apropriação política de alguns elementos morais do cristianismo tradicional, como a rejeição do aborto como política de saúde ou da equiparação da união homossexual com a família tradicional, mas rejeitando outros aspectos importantes — talvez, mais importantes — do cristianismo, como o amor ao próximo, a misericórdia, a graça e a fé. Por esse motivo, os políticos podem falar contra o casamento gay estando no terceiro casamento ou contra o aborto enquanto suas políticas sanitárias deixam bebês recém-nascidos sem oxigênio nos hospitais. Alguém pode esbravejar contra a liberação das drogas enquanto protege o filho das *rachadinhas* de gabinete e se apropriar de um elemento externo da fé cristã, desprezando a completude da mensagem de Cristo. Usa-se o nome de Deus em vão. Acaba que o cristianismo cultural faz com que descrentes confundam o que é um verdadeiro projeto de sociedade cristã com pataquadas políticas falsamente chamadas de conservadoras.

Em 2017, no apêndice de um livro sobre evangelismo e discipulado religioso, dei alguns motivos para que cristãos rejeitassem esse tipo de teologia.⁵¹ Primeiro, porque gera uma missiologia cultural e politicamente dominadora. Missionários motivados a transformar nações mais ou tanto quanto fazer convertidos priorizarão manifestações políticas em detrimento da pregação do evangelho, além de, ao invés de tratarem cada pessoa individualmente para fins evangelísticos, buscarem a nação como um todo como fim de discipulado. Karl Barth lamentou amargamente que essa visão “tenha infestado o pensamento missionário e se conectado às fantasias dolorosas dos Cristãos Alemães (*Deutsche Christen*). Foi uma inutilidade”.⁵²

Em segundo lugar, isso geraria um problema teleológico quanto ao plano de Deus para as missões: faz com que acreditemos que o foco principal de Deus é em países e estados cristãos, e não em convertidos de todas as nações. Isso fará com que nossa visão

teológica da Missão seja mais parecida com a visão islâmica, que tem como uma das ênfases primordiais o desenvolvimento de comunidades políticas pautadas “no que seus devotos entendem ser a vontade divina, bem como de leis e escolas de jurisprudência diretamente fundadas em sua revelação”.⁵³

Em terceiro lugar, esta postura de domínio ocasionaria problemas éticos e morais quanto à vida prática em campo missionário, de modo que nos envolveremos mais com a formação de políticas e partidos cristãos que com pessoas que seguem a Cristo em toda sua vida. O missionário poderá, por exemplo, negligenciar o tempo que ele gastaria lidando com uma pessoa em particular para se dedicar à formação de um partido político ou para algum projeto de dominação nacional.

Em quarto lugar, formaria visões deturpadas acerca das alianças necessárias para a propagação da glória de Deus. O cristão que coloca o poder político e cultural da igreja ou do cristianismo acima de tudo não hesitará em se associar a descrentes com agendas políticas parecidas e acabará sendo tentado a se considerar mais próximo desses aliados políticos que dos irmãos de verdade que não compartilham de sua agenda. Por exemplo, muitos cristãos conservadores brasileiros possuem dificuldades em ver outros conservadores ímpios como estando ao lado de Satanás, dada a defesa que alguns deles fazem dos valores cristãos e suas críticas ao movimento revolucionário.

Por fim, uma postura de domínio criaria problemas doxológicos. Acharemos que Deus será mais glorificado pela manifestação cristã de um país em suas leis e estruturas do que pela salvação de um único crente, quando, na verdade, a menção da alegria diante dos anjos de Deus nas Escrituras só é feita por causa do arrependimento de pecadores, não é usada para nenhuma outra coisa, nem mesmo para a formação de constituições cristãs (Lucas 15.10).

4. A VERDADE QUE LIBERTA: SEITA, EXPURGO E GNOTICISMO

A UNIÃO DA teologia do domínio com a ameaça de um mal absoluto elegeu Bolsonaro como a manifestação da verdade divina para o Brasil. Aqui, “verdade” tem um sentido ontológico. Jair Bolsonaro encarna a própria verdade como uma pessoa, contra toda a mentira de Satanás que dominava o Brasil.

O que é a verdade? Essa pergunta foi feita por Pôncio Pilatos a Cristo Jesus no relato do evangelho (João 18.38). Dois mil anos depois, a pergunta continua. Em tempos de relativismo e pós-verdade, Jesus continua se apresentando como a verdade salvadora, que alcança os homens em seus pecados – a mentira da rebelião moral. Em João 8.32, Cristo já havia se apresentado como a verdade que liberta os perdidos e desamparados. Em meio a um mar de mentiras, Jesus é a revelação perfeita e exata do bem.

Este texto tão importante se tornou divisa do governo Bolsonaro: “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8.32). Constantemente, ministros, agentes do governo, o próprio presidente e seus filhos usam este versículo bíblico para validar revelações políticas específicas, defesas diante de acusadores e estabelecimento de projetos particulares de poder. Sequer há necessidade de catalogar o fato: um número significativo de notícias foi compartilhado por agentes do Estado usando essa referência bíblica como mote. Marchas de rua em São Paulo erguiam faixas com esse verso acompanhado da foto do presidente. Na abertura do plano de governo, consta a passagem grafada em destaque. Quando apresentado depois de eleito na igreja de Silas Malafaia, Bolsonaro deixou claro que escolheu esse versículo como seu *slogan* de

campanha.⁵⁴ No texto bíblico, porém, Jesus está falando com pessoas que passaram a crer nele, a convertidos à fé, sem qualquer relação com verdades políticas ou mesmo gerais. Na passagem, ele caracteriza ser um discípulo como um ato de permanência em seus ensinamentos (“na minha palavra”), pois o discípulo é quem crê no que Jesus diz (e pratica conforme crê). Assim, a “verdade”, em paralelo, é a palavra de Jesus. Conhecer a verdade, no caso, significa permanecer nos ensinamentos de Jesus (na palavra/verdade), isto é, ser um discípulo de Cristo é crer e continuar crendo no que Jesus ensina. No contexto, lemos: “Jesus dizia, pois, aos judeus que criam nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. Por isso, somos libertos (da condenação) através do conhecimento da verdade (seguindo o que Jesus ensinou). Ou seja, o que Jesus ensinou em João 8.31-32 é que os verdadeiros discípulos são aqueles que creem em seu ensino, apegam-se a ele como verdade, permanecem nele e então são libertos da condenação do pecado por meio da obra salvadora de Cristo Jesus. É maravilhoso.

Na teologia pública do governo, no entanto, Bolsonaro interpreta que a “verdade” do versículo pode ser aplicada às verdades a seu respeito. Foi na 74ª Assembleia Geral das Nações Unidas quando este versículo foi citado para um público mais amplo e importante. Sendo ouvido por vários líderes mundiais, o presidente atacou a mídia, que teria sido comprada por presidentes socialistas para espalhar mentiras a seu respeito. Ele encerra, então, com a citação de João 8.32.⁵⁵ Um uso bem fraco da passagem, absolutamente errado. Agora, fazendo isto, qual libertação é proposta pela teologia do presidente? Se seremos libertos pelo conhecimento da verdade, e a verdade é o conhecimento dos fatos sobre Bolsonaro, a libertação pelo conhecimento da verdade (em paralelo com a salvação em Jesus) estaria contida em qual experiência política? É uma libertação do socialismo? Uma libertação das *fake news*? De todo modo, é escolher um elemento muito pequeno da vida e transformá-lo em paralelo à salvação, em contraste com uma nova condenação material (“socialismo é o inferno, Bolsonaro é a salvação”).

Bolsonaro é inapto teologicamente para pensar nisso tudo. Esse é o absurdo de se apropriar de textos sobre salvação para justificar, validar ou mesmo ilustrar fatos ou posturas políticas. Não é assim que se faz teologia pública, mas Bolsonaro insiste. Quando ainda em 2016 Bolsonaro foi à tribuna da Câmara dos Deputados e disse: “Em João 8:32, está bem claro: ‘E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará’. Obviamente que a verdade é Jesus, é Cristo”, mas encerrou agradecendo aos que apareceram a seu condomínio “apoiando as nossas verdades. A verdade nos libertará!”,⁵⁶ ele deixa claro sua confusão e amálgama em que a verdade que é Cristo também é verdade sobre ele. Jesus e “nossas verdades” são constantemente intercambiáveis, como se as versões bolsonaristas dos fatos fossem elas próprias verdades do Cristo.

No excelente *E a verdade os libertará*, o jornalista Ricardo Alexandre diz que “o uso que Bolsonaro faz desse texto não é religioso”.⁵⁷ Eu entendo que o autor está falando de religião no sentido eclesial e no relacionamento do homem com a fé em Jesus, mas este fraseado, tirado de seu contexto, não poderia estar mais errado. O bolsonarismo está sendo objetivamente religioso em seu uso de João 8.32. O caso mais notável e explícito disso vem do discurso do ministro Ernesto Araújo durante cerimônia de posse no Ministério das Relações Exteriores, em 2 de janeiro de 2019.⁵⁸ Após citar o texto em grego, ele disse que esta passagem é uma “convicção íntima e profunda [que] animou o presidente Jair Bolsonaro na luta extraordinária que ele travou e está travando para reconquistar o Brasil e devolver o Brasil aos brasileiros”. Isto, é claro, pode ser percebido pela referência constante a esta passagem nas redes e discursos governistas. Então, o ministro inicia uma exegese pública da passagem a fim de estabelecer seus projetos.

Para ele, a “verdade” que liberta (no grego bíblico, *aletheia*) deveria ser traduzida mais literalmente por “desvelamento” ou “desesquecimento”. Já que *lethe* seria o rio do esquecimento que os mortos cruzavam para ir para o outro lado, *aletheia* seria cruzar o rio de volta para cá, em uma superação do esquecimento, uma

recuperação do esquecido e escondido em uma “experiência autêntica, individual, sentimental”. A busca por esta verdade, então, seria uma busca pela memória nacional, um retorno às raízes culturais, religiosas, literárias e linguísticas da nação, conectando-nos de volta conosco mesmos por meio da identidade nacional: “precisamos da *aletheia*. O ‘desesquecimento’. Precisamos libertar a nossa memória histórica”. O compromisso com a verdade seria o compromisso de em todos os lugares lembrar-se da pátria, em um “compromisso de vida”, pois “se nós pensarmos no conceito de *aletheia*: eu sinto essa verdade profunda que é a pátria, eu sinto o que é ter uma pátria e lembrar-se da pátria, portanto, como uma verdade central, essa verdade que liberta e que só se pode conhecer pelo amor”. Citando, então, Clarice Lispector, Ernesto Araújo disse que a “nossa evidente tendência nacionalista” é um “movimento sobretudo de autoconhecimento”, a própria “verdade que liberta”.

Com essa exegese destrambelhada e claramente amadora, temos o ministro pregando um sermão religioso de louvor à pátria, onde ele tenta nos convencer a sermos guiados pela verdade do nacionalismo assim como ele o é. O nacionalismo, assim, tomou o lugar que pertenceria aos ensinamentos do próprio Cristo. Qualquer comportamento ou opinião que seja interpretada como uma ameaça à superioridade do Brasil se torna heresia e abandono das doutrinas da fé civil pregada naquela homilia. Diante disso, não parece ser mera figura de linguagem que ele diga expressamente que ao entrar pela primeira vez no prédio do ministério, aos 22 anos de idade, entendeu que aquela instalação “não é simplesmente uma repartição pública”, mas “uma espécie de um santuário”.

Seu nacionalismo se confunde tanto com a Palavra revelada que se insurgir contra o sentimento de identidade nacional está em pé de igualdade a se insurgir contra o próprio Deus: “Para destruir a humanidade é preciso acabar com as nações e afastar o homem de Deus”. Estes dois atos em paralelo – acabar com identificações nacionais e afastar o homem da personalidade divina – mostra a importância do nacionalismo para Ernesto Araújo. Essa ideia fica ainda mais bem demonstrada quando ele diz que “deveria preocupar-

nos, também, cada vez mais, a teofobia, o ódio contra Deus”, que em todo o mundo canaliza “todos os códigos de pensamento e de não-pensamento que perfazem a agenda global”. Ou seja, esta tal agenda global, em contraste com a agenda nacional, seria uma das manifestações desse ódio a Deus. Como a identificação nacionalista pode ser tão intimamente ligada ao temor a Deus, apenas os impulsos religiosos de um coração idólatra podem explicar.

De modo semelhante ao que faz com o termo “verdade”, o ministro passou a interpretar a ideia de liberdade (no grego bíblico, *eleuthería*) como “liberdade civil”, transformando a libertação do pecado e das forças de Satanás em um simples “termo jurídico”. O “grito sagrado da liberdade” seria o “primeiro grito de guerra do Ocidente em seu nascimento”, ainda no séc. V a.C., quando na batalha de Salamina, foi evocado: “Libertai a pátria”. Nesse sentido, ele vai profetizar que o “presidente Bolsonaro está libertando o Brasil por meio da verdade”. O que deveria ser interpretado como a liberdade para seguir a Cristo passa a ser uma mera liberdade em termos políticos, entregue pelas mãos de Bolsonaro.

Esta verdade que liberta – basicamente, um nacionalismo que fornece liberdade política –, só pode ser alcançada pelo conhecimento (em grego, *gnosis*), que ele não interpretou como “um conhecimento racional”, já que a “verdade não pode ser ensinada [...] por dedução analítica”, sendo “o conhecimento no sentido de uma experiência mais íntima”. Ele pergunta, então, como vamos conhecer esta verdade, que é a chave de tudo. Sua resposta é clara: no amor pelo Brasil. O conhecimento desse nacionalismo libertador viria, portanto, por uma experiência sentimental, pessoal e volitiva de afeição pela própria pátria.

Como esse sentimento será instaurado em cada cidadão? Não parece tarefa fácil dar à paixão nacionalista a mesma centralidade dos ensinamentos do Messias cristão. Ernesto Araújo explica o poder da palavra *logos* revelada através do personagem político:

Os senhores me perguntarão: e como faremos isso? Pela palavra. Acreditamos no poder infinito da palavra, que é o

logos criador. O presidente Jair Bolsonaro está aqui, chegou até aqui, e nós com ele, porque diz o que sente. Porque diz a verdade. E isso é o logos. Eu vou terminar falando do princípio e citando novamente São João, a abertura do Evangelho de São João, quando diz “en archê ên ho logos”. O princípio era o logos. A palavra. O verbo. Archê, a última palavra em grego que eu vou dizer aqui hoje, significa princípio, tanto no sentido de início, quanto no sentido, principalmente, de força estruturante, princípio estruturante. A realidade, pelo menos a realidade humana, está estruturada em torno da linguagem, da palavra, do verbo, portanto, do logos. Tudo que temos, tudo de que precisamos, é a palavra. Ela está aprisionada, mas com amor e com coragem havemos de libertá-la. Que Deus abençoe a todos vocês, aos que creem e aos que não creem, aos que estão conosco e aos que ainda não estão conosco. Que Deus abençoe o presidente Jair Bolsonaro e que Deus abençoe o Brasil.

A fala ao final do discurso é particularmente reveladora. Será a palavra a responsável por trazer o amor nacionalista libertador de volta ao Brasil. No entanto, não é a palavra no sentido do discurso, do argumento, do convencimento simples. É a expressão como “logos criador” que vem da boca de Bolsonaro. Como diz o que sente, o presidente eleito representaria o próprio logos de Deus em suas palavras. A verdade proferida do nacionalismo, do amor e do que sente é logos, no sentido mais joanino do termo. O que mais assusta não é que Ernesto Araújo ressignifique elementos de fé para aplicar a realidades políticas, esvaziando a carga espiritual de seu sentido, apenas como se fizesse alguma ilustração. Ernesto mantém toda a carga espiritual, redentiva e religiosa do texto sagrado, em seu aspecto mais transcendente, e a aplica à figura de Jair Bolsonaro e seu propósito político.

O interesse pela verdade libertadora não condiz com a série de denúncias contra Bolsonaro e sua família de fomentar toda uma

engendradora ferramenta de propagação de notícias falsas nas redes sociais, na divulgação dos mais variados conspiracionismos, na promoção de remédios sem comprovação científica, na perseguição sistemática a quem tenta ser uma voz dissidente entre os apoiadores etc. Seguidores fiéis do governo sequer acreditam que qualquer notícia falsa possa sair das redes bolsonaristas porque aprenderam a tratar toda a mídia como inimiga e mentirosa e toda checagem de fatos como perseguição. Isso mantém os fiéis longe de argumentos discordantes, já que fatos e interpretações deixam de ser comparados com outras posições de mundo – qualquer visão diferente é julgada dentro de uma estrutura de inimizade moral.

É inócuo listar aqui a quantidade de mentiras propagadas pelo governo ou pelo próprio presidente em pessoa, mas uma agência de checagem tem listado semanalmente todas as declarações falsas e meias-verdades que saem da boca do presidente. Obviamente, nenhuma empresa de checagem de fatos é inerrante, nenhum jornalista é politicamente neutro e existe viés em todos que produzem algum conteúdo. No entanto, fatos são fatos, e analisando cada uma das checagens, é difícil conseguir defender o presidente que escolheu “a verdade vos libertará” como lema. Segundo a agência, apenas em 2019, Bolsonaro fez 605 afirmações falsas. Em 2020, acumulou-se um total de 2192 declarações falsas ou distorcidas.⁵⁹ Analisando várias das checagens, algumas estão na área da interpretação e do juízo de valor acerca da ideologia do presidente, mas a grande maioria é comparação simples de fatos. Bolsonaro mente, e mente mais que qualquer presidente. O perfil @desmentindoboço, no Twitter, cria constantemente vídeos em que o presidente é pego declarando mentiras sobre o próprio governo, com provas audiovisuais incontestáveis.

Bolsonaro mente mais não apenas pela mentira ser seu modo de fazer política, mas também porque precisa falar mais, já que sua religião civil possui um credo. É o governo da história recente mais preocupado com a própria ortodoxia. Ele não é louvado principalmente pelo que faz, como é de se esperar de qualquer governo – principalmente de um governo que se diz cristão, que deveria ser conhecido pelos frutos e pelas obras (Mateus 7.13-24) –,

mas pelos credos. O bolsonarismo é um movimento político que se importa com a heresia, com os ideais, com as declarações.

Personagens inúteis para a política movem a internet por simplesmente “lacrarem” (ou “mitarem”) nas redes, por concordarem com pautas intelectuais que pouco dizem respeito a política ou por simplesmente prestarem submissão intelectual a este ou aquele personagem.

Diante de qualquer argumento que exponha mentiras do presidente, sua base de apoio é rápida em deixar claro que tudo não passa de um mal-entendido ou de uma distorção de homens mal-intencionados. É como se o presidente precisasse ser blindado de qualquer possibilidade de erro, como se suas palavras precisassem ser defendidas a qualquer custo. Eric Voegelin, referindo-se a como Hitler conseguiu domínio sobre os alemães, escreveu que era somente ao *Führer* que Deus falava e que o povo só conhecia a vontade de Deus através da mediação do *Führer*.⁶⁰ As palavras de Bolsonaro se tornaram palavra de deus para uma base que não pode ver Xerxes sangrar. De fato, todos os presidentes que o Brasil já teve tratavam a imprensa como mentirosa. Os boicotes à Globo são invenção do petismo, já que as bases lulistas tratavam a empresa como mentirosa e golpista – o que foi importado pelo bolsonarismo, e será importado por todo político até o fim dos tempos, muito provavelmente. Antes, a Globo era golpista por apoiar o impeachment de Dilma; hoje, é comunista por criticar Bolsonaro. Paulo Henrique Amorim inventou o termo *Partido da Imprensa Golpista* para defender Lula dos ataques de jornalistas. Os bolsonaristas, por sua vez, inventaram a *extrema imprensa*. Nada de novo até aqui.

Como mentiroso profissional – o que é comum no cenário político, mas alavancado em novos níveis no atual governo –, Bolsonaro precisa fincar o pé nas suas declarações e nunca retroceder. Para continuar sendo a encarnação da verdade proclamada, ele não pode nunca pedir desculpas aos seus eleitores, nunca dizer que se expressou de modo enganoso. Sua palavra necessariamente deve criar realidades. Falando sobre a eliminação do rei divino, o

antropólogo James G. Frazer conta, em *O ramo dourado*, que os reis africanos eram antes instrumentos de sacrifício que de poder. Como eram representantes do divino (todo rei *chiluk*, por exemplo, era portador do espírito do ancestral divino *Nyakang*), não podiam envelhecer, adoecer ou enfraquecer. Assim, ao menor sinal de fraqueza, o rei era morto em um ritual de regicídio, e a investidura passava ao seu sucessor. O sacrifício dos deuses políticos existe para que eles continuem como divindades.⁶¹ Xerxes não pode sangrar, por isso o líder autoritário nunca assumirá qualquer erro. Um presidente disposto a se manter idolatrado jamais poderá pedir desculpas ou recuar sem dar ares de que esse sempre foi o objetivo oculto. Assim, o povo idólatra se submete em nível total ao homem, abandonando a submissão última que só deveria ser entregue a Cristo Jesus.⁶²

Como isso é possível? Como pode um leitor bolsonarista desde livro simplesmente negar que exista *qualquer* mentira consciente de Bolsonaro, enquanto elas estão explícitas aos borbotões pelos mais variados comunicadores, registradas em livros recentes e ridicularizadas em *memes* por toda a internet? Em parte, isso vem do expurgo completo de qualquer crítico, de ser considerado um inimigo canalha quem pensa diferente, de ser transmutado em golpista qualquer veículo de mídia que aponte inconsistências no governo. Se a notícia contra o governo vem de um grande jornal, aquele veículo de mídia é automaticamente digno de descrédito. Se a crítica vem de algum veículo governista, os comunicadores são logo tidos por traidores. Se toda acusação contra o presidente é um apoio indireto a um projeto de consolidação do comunismo no Brasil, Bolsonaro acaba por ser blindado de todos os lados.

No meu tempo de neopentecostalismo, nós só poderíamos ouvir e assistir coisas de cunho religioso. Essa era uma forma de nos manter fora de contato com qualquer crítica à religião. Se não lêssemos livros críticos, se não participássemos de eventos contrários, se não tivéssemos amigos ateus, a chance de continuarmos na igreja aumentava. O problema é que nossa fé era frágil, e morríamos de medo de qualquer um que fosse minimamente

questionador. Dentro do bolsonarismo, qualquer um que leia jornais da “extrema imprensa” (termo usado para qualquer veículo que não seja claramente pró-governo) está lendo material herético. Você acaba escravo da mídia aprovada pelo governo, pelos canais recomendados pelo presidente. É notável que a defesa da confiabilidade exclusiva de veículos oficiais de comunicação seja tradicionalmente uma estratégia do comunismo, agora promovida pelo governo Bolsonaro.

Meu amigo André Venâncio diz que um guru é alguém de quem você não pode discordar sem ser considerado um canalha. Bolsonaro se tornou um guru, um mito fundador da construção de um novo plano de nação. Quem não está por ele, está contra o bem. Assim, quem deixa de apoiar o presidente é tratado como traidor, comparado a Judas. Foi o que aconteceu com Sérgio Moro quando acusou Bolsonaro de tentar interferir indevidamente na Polícia Federal. Foi o que aconteceu com cada um dos comunicadores bolsonaristas que se decepcionaram com os caminhos do governo. Foi o que fizeram com cada jornalista conservador que passou a ver o presidente como um revolucionário de direita. Ninguém é apenas discordante. Ninguém apenas pensa diferente. São verdadeiros Judas Iscariotes – como se deixar de apoiar Bolsonaro fosse equiparável a vender Jesus à morte. É absurdo que não seja óbvio o aspecto religioso de tratar como uma traição a mudança de posição no apoio político. É ingênuo não reparar que o cancelamento é um expurgo espiritual, com a criação de intocáveis, de impuros, de hereges, de excomungados. Mantemos nossa pureza cerimonial ao enfiar pessoas em um *Index Librorum Prohibitorum* secular, em acendermos fogueiras de uma inquisição pública.

Claro que essa postura não é privilégio da direita bolsonarista – a esta altura, na verdade, estamos mostrando que o apocalipse político não é exclusivo das esquerdas, como foi apresentado mais diretamente na obra até aqui. As esquerdas também assumiram um tipo religioso de tribalismo semelhante ao que caracteriza os mais herméticos cultos de mistério. Para as esquerdas mais ativas, o voto em Bolsonaro é um tipo de blasfêmia contra o Espírito Santo, um

pecado imperdoável que apenas os piores flagelos podem expurgar. Não importa se as alternativas viáveis pareciam piores, se o principal adversário tinha relacionamento direto com criminosos e que recebia apoio direto de ex-presidente presidiário, se o voto foi celebrado ou enlutado. O que importa é que o voto, mesmo o mais tímido apoio, ainda o cálculo mais sofrido dentro dos limites das opções dadas, marca o cidadão como um boi ferrado com um 666 na testa e na mão direita. Qualquer antigo apoiador mais vistoso, como um Alexandre Frota ou um Kim Kataguiri, só pode ser perdoado se passar imediatamente a uma postura progressista e anticonservadora e antiliberal. A redenção custa caro, e o único sangue derramado que se aceita é de quem ousou votar no que julgam ser a encarnação mais vívida possível do próprio diabo.

5. APOCALIPSES DE PALHA: CONSPIRAÇÕES EM TEMPO DE PARADIGMA DO DISPOSITIVO

A POSTURA DE seita foi incorporada pelo bolsonarismo a partir da forte influência de Olavo de Carvalho nos círculos conservadores. O núcleo duro da comunicação bolsonarista é fortemente olavista (tanto que foi cunhado o termo *bolsolavismo*). De acordo com Ernesto Araújo, referindo-se a Olavo, “após o presidente Jair Bolsonaro, talvez seja o grande responsável pela imensa transformação que o Brasil está vivendo”.⁶³ O olavismo, lamentavelmente, é um movimento de massa com estrutura de seita religiosa. Principalmente no que diz respeito a enxergar Olavo como única fonte confiável de interpretação do mundo. Agem como se não existisse vida inteligente fora do olavismo, tratam toda a mídia como se fosse canalha, as universidades como ambientes *emburrecedores* e diplomas como objeto de vergonha. Qualquer opositor a Olavo, por mais cordial que seja, passa semanas recebendo apelidos sexuais em sua página e é perseguido por seus seguidores como agente do mal. Qualquer possibilidade de debate ou intercâmbio de informações deixa de existir.

Tal postura de isolamento intelectual, em que os seguidores não podem se deixar conviver com ideias diferentes e que todo discordante é tratado como canalha, cria uma cultura perfeita para a propagação de conspiracionismos mil. Como as pessoas estão em uma tensão apocalíptica constante, o que faz com que elas esperem diariamente a manifestação do fim em cada acontecimento histórico, a mensagem revelada dos profetas políticos, em seus canais no YouTube e blogs obscuros, ganha capilaridade. Popularizou-se uma

peculiar doença de alma que impede o debate político em ambientes hiperconectados, fomentado pelo “paradigma do dispositivo” (*device paradigm*), para usar o termo de Albert Borgmann. O contato com a realidade se tornou cada vez mais mediado por jornalistas, blogs, *tweets*, páginas no Facebook e Instagram, de forma que se você for absorvido por alguma bolha particular de posicionamentos, sua realidade será construída a partir de narrativas inventadas. A ideologia conseguiu um apoio tecnocrata que impregna de modo surreal as narrativas às consciências. Nisto, fomenta-se o aspecto de *mysterium tremendum* da religião civil: sempre há uma conspiração de *Illuminatis*, chineses tentando injetar doenças por meio de vacinas, vírus feitos em laboratório, terra plana, fraude eleitoral etc.

Teorias da conspiração se proliferam em ambientes religiosos pelo seu *misterium*. Há um senso de verdade apocalíptica por ser revelada, dando sentido para batalhas pessoais contra o mal absoluto. Ainda que não façam o menor sentido, que ignorem incontáveis pontas soltas, que precisem se readaptar a cada nova informação conflitante, o conspiracionista permanece apegado à sua narrativa com a devoção de uma fé. Karl Popper entendeu as conspirações como a mais primitiva forma de teísmo, “semelhante àquela de Homero, que concebia o poder dos deuses de tal modo que tudo que acontecia nas planícies diante de Troia constituía apenas um reflexo das múltiplas conspirações tramadas no Olimpo”, onde toda “teoria social da conspiração é, de fato, uma versão deste teísmo, ou seja, da crença em divindades cujos caprichos ou desejos regem todas as coisas”. A remoção do único Deus do imaginário gera o questionamento sobre quem teria ocupado seu lugar, e a resposta conspiracionista é que homens e grupos poderosos trazem os principais males da sociedade.⁶⁴

Dialogando com Popper, Umberto Eco foi sagaz ao lidar com o conspiracionismo em seu artigo “onde está o Linguarudo?”,⁶⁵ de 2007, ao falar da “prova do silêncio”, que é a inconveniência das conspirações não serem desmascaradas pelos inimigos que seriam beneficiados por lançar luz às fraudes (como a Rússia soviética

provando que a ida dos americanos à lua foi apenas um brinquedo cinematográfico), é também ninguém revelar os segredos ocultos a amantes, amigos ou familiares, como sempre foi comum na história das conspirações militares, por exemplo, e, ainda, não termos denúncias em massa de participantes destas conspirações, já que milhares de indivíduos precisariam participar de conspirações como um falso atentado às torres gêmeas do World Trade Center (bastou algumas centenas de milhares de libras esterlinas “para convencer um oficial do exército inglês a contar tudo o que tinha feito na cama com a princesa Diana, e se tivesse feito o mesmo com a sogra, bastaria dobrar a quantia para que um gentleman do tipo contasse tudo”).

Em *Conspirações e trama*, artigo do mesmo ano, Eco percebeu que “por trás de cada falsa conspiração, talvez se esconda a conspiração de alguém que tem interesse em apresentá-la como verdadeira”. Apresentar a pandemia de Covid-19 como um plano chinês encobre a verdadeira conspiração dos governantes locais de fugir das consequências econômicas do isolamento social. Muitas conspirações surgem para beneficiar grupos poderosos, a fim de dar sentidos ocultos a narrativas inconvenientes.

Não podemos negar, obviamente, que conspirações existam. Em 2008, Eco também escreveu em *Uma bela companhia* que todo “golpe de Estado era, até a véspera, uma conspiração”. Conspirações existem para assumir o controle de uma empresa, tomar um lugar no ambiente acadêmico ou mesmo ganhar a esposa de um colega. “Conspirações sempre existiram, algumas falharam sem que ninguém percebesse, outras foram bem-sucedidas”, diz o filósofo italiano, que considera: “mas em geral o que as caracteriza é que são sempre limitadas quanto aos fins e à área de eficácia”. A existência de conspirações é diferente do conspiracionismo sensacionalista, que ele chama de “síndrome da conspiração”, uma ideia de complô universal de dimensão cósmica “no qual todos ou quase todos os acontecimentos da história são determinados por um poder único e misterioso, que age nas sombras”. De uma perspectiva cristã, as teorias da conspiração são falsas

escatologias, meros apocalipses de palha. Uma vez que o livro bíblico do Apocalipse revela que haverá uma grande conspiração política de domínio e violência, muitos vivem em expectativa de iminência neurótica da manifestação desta conspiração. Isto, no entanto, é um tipo de falso sinal do messias, uma forma de tirar o foco e o alerta das verdadeiras conspirações que podem existir e existirão neste mundo.

O próprio Jesus Cristo disse que nos últimos dias muitos dirão: “veja, ali está o Messias”, mas será mentira e engano (Mateus 24.27; Marcos 13.21; Lucas 17.23). Semelhantemente, muitos dizem: “lá está a conspiração final”, também como engano para confundir os homens sobre os tempos que vivemos. Em *O sofrimento de Deus*, o filósofo esloveno Slavoj Žižek cita Marcos 13.1-23, quando Jesus primeiro descreve longamente como será o desastre do apocalipse, mas então declara:

“Cuidado, que ninguém os engane. Muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Sou eu!’ e enganarão a muitos. Quando ouvirem falar de guerras e rumores de guerras, não tenham medo. É necessário que tais coisas aconteçam, mas ainda não é o fim. [...] Se, então, alguém lhes disser: ‘Vejam, aqui está o Cristo!’ ou: ‘Vejam, ali está ele!’, não acreditem. Pois aparecerão falsos cristos e falsos profetas que realizarão sinais e maravilhas para, se possível, enganar os eleitos. Por isso, fiquem atentos: avisei-os de tudo antecipadamente.” (Marcos 13:5-7, 21-23)

É intrigante que a urgência apocalíptica deve ser calibrada com uma certeza de que a iminência da vinda do Cristo não deveria levar os cristãos a um ímpeto ingênuo de se apegar a qualquer declaração da vinda do fim. Muitos falsos sinais surgiriam, falsos Cristos tentariam nos fazer crer que agora é a hora. Apesar da nossa urgência, não fazemos juízos com pressa. Žižek interpreta que isso significa que mesmo com a iminência das descrições finais, devemos ficar pacientemente atentos. É como se Jesus dissesse: a catástrofe está

vindo, mas “não acreditei nela, não fiquei presos em extrapolações, não vos entregai ao prazer propriamente perverso de pensar ‘Então é isso!’ em suas diversas formas”.⁶⁶

Esta é uma deturpação do anseio apocalíptico cristão. O apocalipse cristão não é sobre a vinda do anticristo ou sobre a ordem exata de eventos escatológicos, nem é sobre chips subcutâneos ou novas ordens mundiais cuja configuração muda a cada década na mente dos evangélicos, não é sobre ONU, União Europeia, OMS ou China. O apocalipse cristão é sobre a vinda de Cristo, sobre seu Reino vindouro, sobre vivermos tendo fé em sua obra perfeita. Cristão nenhum precisa viver na neurose de desvendar os sinais específicos de eventos obscuros. Perseverar até o fim não é sobre saber exatamente se a besta que sai do mar é o papa, Emmanuel Macron o Mahdi islâmico ou Tedros Adhanom. É sobre resistir crente e fiel mesmo durante perseguição e morte. Nossa fé independe dos dominadores desta era. Nosso amor a Cristo permanece desde a fundação da igreja, e ela passou por todas as conspirações desconhecidas que nasceram, prosperaram e ruíram pelos séculos. Cantamos “Maranata!” ansiosos por Jesus, porque o Salvador voltará. Passar tempo demais tentando desvendar momentos futuros e obscuridades políticas tem afastado muitos da fé cristã e levado a um tipo de neurose político-religiosa, na qual Jesus se torna coadjuvante da escatologia.

O conspiracionista, no fim das contas, é um tipo político e social de paranoico. Em *A conspiração sobre as conspirações*, de 2014, Umberto Eco diz que enquanto “o paranoico psiquiátrico vê o mundo inteiro conspirando contra ele”, o “paranoico social considera que a perseguição dos poderes ocultos visa seu próprio grupo, nação ou religião”. O constrangedor, no entanto, é que enquanto um homem dotado de distúrbio psicológico causa apenas incômodo para si e seus parentes, um homem dotado de distúrbio na alma convence muitos da veracidade de suas elucubrações. Eco escreve que isso faz com que o paranoico social seja “mais perigoso que o psiquiátrico, pois compartilha suas obsessões com outros milhões de pessoas”.

Mora aí a sedução do conspiracionismo. Dialogando com Eco, Martim Vasques da Cunha argumenta que toda “conspiração se alimenta de um possível segredo que poucos teriam a capacidade para entendê-lo ou decifrá-lo”.⁶⁷ Este apelo de revelação evoca o sentido dos apocalipses:

*Aqui é importante observar a relação entre esse tipo de imaginação e a expectativa apocalíptica: uma vez que ambos os comportamentos estão obcecados com aquilo que está em segredo até que seja desvelado tarde demais, a conspiração se torna um ideal que mantém a panela do apocalipse fervendo em água branda, num modo muito sutil de dissonância cognitiva coletiva que será revelada ao resto dos mortais sabe-se lá qual dia.*⁶⁸

Esta fervura branda da panela do apocalipse cria uma “intensidade emocional peculiar”, projetando sempre intenções maléficas no “outro”. Assim, o mal sempre estaria do lado de fora, eximindo de qualquer culpa ou responsabilidade moral aquele que se vê preso na teia engendradora de conspirações globais.⁶⁹ Isto relaciona o bolsolavismo a uma seita religiosa, *de facto* e *de jure*. Se você já assistiu a *Wild Wild Country*, documentário sobre Osho, o guru indiano líder do movimento Rajneesh, ou leu a respeito de Jim Jones, responsável pelo maior suicídio coletivo da história, talvez você tenha alguma familiaridade com as terríveis possibilidades que surgem quando um grupo motivado passa a acreditar em um homem como fonte da verdade. Esta não é uma metáfora ou analogia. Foi o que escreveu Heloísa de Carvalho, em carta pública ao pai, Olavo de Carvalho:

E só não enxerga o que você está criando nas pessoas, usando o nome de Deus, quem é cego, pois eu vejo claramente, como já vi em outras épocas suas, um bando de pessoas insensatas, com ódio de tudo e de todos, que caem cegamente na sua pregação, criando um exército de

*intolerantes com seus semelhantes, e que, quando enxergarem, não vai ter psiquiatra e nem hospício suficiente para todos.*⁷⁰

Joel Pinheiro, ex-aluno de Olavo, escreveu certa feita que o “olavismo é um simulacro de religião que segrega seus adeptos do mundo”.⁷¹ Ele cita uma série de fatores que incentivam esta submissão, como em as amizades deverem se dar preferencialmente apenas entre seguidores, desprezando relacionamentos com quem pensa diferente e prejudicando a possibilidade de contraponto, em a universidade e o ensino formal serem vistos como inúteis e perversos, em o bom aluno do Curso Online de Filosofia (COF) de Olavo dever se abster de dar ou mesmo ter opiniões até que se encontre plenamente capacitado pelo Olavo – um momento que, na prática, nunca chega na vida do aluno. Isso tudo gera um tipo ascético de disciplina e sujeição mental “que esperaríamos de uma seita sob o comando de um guru”.⁷² Olavo chegou, segundo Joel (mas que eu mesmo pude aferir pessoalmente),

*{...}ao ridículo de inventar a “virtude” conhecida como “humildade metódica”, segundo a qual o aluno, mesmo quando lhe parecer que Olavo está errado em um ponto particular, tem a obrigação de guardar a impressão para si e de convencer a si mesmo de que o professor, ainda que pareça estar errado, “deve estar certo”, posto que tem acesso a um plano mais elevado da realidade. O aluno prefere duvidar da própria mente a questionar o mestre.*⁷³

Este cenário cria dependência e devoção, tornando Olavo o “único canal seguro de contato com a realidade. E por isso a defesa tão aguerrida de seus seguidores. Se Olavo cair, isto é, se ficar patente que ele não é esse grande luminar do pensamento que lhes foi vendido, cairá o mundo dos discípulos”.⁷⁴ Este é o *modus operandi* comum das seitas. Nas esferas estritamente litúrgicas, os grupos eclesiásticos não se desmantelaram depois de profecias frustradas da volta do Messias. Quando Charles Russel calculou a vinda de

Cristo para 1874 ou quando seu sucessor Joseph Franklin Rutherford previu o início do Milênio para 1925, os Testemunhas de Jeová não se dissolveram, mas continuaram encontrando interpretações que justificassem os erros das profecias de seus fundadores.⁷⁵ Tudo que saia da boca dos profetas políticos é justificado por quem os segue. Nenhuma falsa profecia abala a confiança. Este é o ambiente perfeito para um tipo de submissão absoluta a um projeto de poder, a um político específico e ao estabelecimento de uma escatologia pagã.

CONCLUSÃO: UTOPIA DE DIREITA

“Enfim: o que os ‘conselheiros do rei’ pretendem é que um apocalipse nos salve por completo. E quem determinará quando ocorrerá esse acontecimento serão justamente eles – e ninguém mais.”⁷⁶

– Martim Vasques da Cunha, 2020

“E agora, como viveremos?”, perguntam Nancy Pearcey e Charles Colson no clássico de cosmovisão cristã.⁷⁷ Diante de todo o exposto aqui, a rejeição de um apoio acrítico ao governo atual ou mesmo uma defesa ampla de sua integridade se torna um problema espiritual. O motivo é que estamos diante de um governo anticristão, e para usar uma linguagem comum aos defensores do presidente: estamos diante de um governo revolucionário.

O oposto de conservador não é comunista, é revolucionário. Conservadorismo fala de respeito às instituições, aos estabelecimentos democráticos, aos freios e contrapesos e à liberdade civil. Revolucionários lutam pelo fim das instituições atuais na guerra contra o que está estabelecido. Por mais que seja percebido como de direita, Bolsonaro não é conservador. É claramente revolucionário. O polemista brasileiro Paulo Ghiraldelli não poderia estar mais errado ao dizer que o “bolsonarismo é um ‘não’ às utopias”.⁷⁸ Creio que este capítulo da vida política brasileira mostra mais elementos de continuidade que de ruptura com os movimentos milenaristas utópicos que precederam a ascensão do bolsonarismo. Bolsonaro pode ter se vendido como uma alternativa econômica ou ética, mas representa o mesmo utopismo dos

governos anteriores, e se posiciona em uma extensa tradição pseudorreligiosa de culto civil.

Por bastante tempo, tentei convencer amigos e alunos de que o cristianismo oferece informações para nossa teoria política e de que a fé bíblica precisa sair do cativeiro cultural em que a sociedade secular a meteu. No entanto, nos últimos anos, considerando a ascensão do bolsonarismo, tornou-se necessário lembrar que Jesus não é apenas uma mascote de ideologias, que nossos projetos de sociedade não podem se converter em mero cristianismo cultural, esvaziando a teologia de seus aspectos de redenção espiritual apenas para a instrumentalizar em favor de causas políticas. O que vemos no bolsonarismo é heresia e blasfêmia. Cristãos podem votar ou não, gostar ou não, reeleger ou não – o que não podem, terminantemente, é se submeter a esta adoração política que ronda o bolsonarismo. Quem teme o comunismo precisa temer o bolsonarismo. Não porque suas escolhas econômicas sejam iguais, mas porque o governo Bolsonaro possui todas as apropriações religiosas comuns a qualquer governo revolucionário.

Diante disto, um leitor afeito a Bolsonaro pode estar perguntando: o que faremos diante das sanhas totalitárias das esquerdas brasileiras, então? O governo Bolsonaro nos fez acreditar que ele era e continua sendo a única resposta. Isto, no entanto, não é um destino manifesto. A única forma de nos livrarmos tanto do totalitarismo da esquerda quanto do autoritarismo bolsonarista é com novas frentes políticas realmente conservadoras e liberais. Se no passado, quando não existiam antibióticos, tudo que os médicos possuíam para curar certas doenças era deixar o paciente sangrar até quase morrer, tudo bem que aplicassem a medicina da época buscando o melhor dos resultados. Isso não deveria impedir que avanços e alternativas melhores surgissem, obviamente. Diante da doença política nacional, apoiadores mais críticos do governo podem assumir que Bolsonaro surgiu como um remédio ruim, sem qualquer comprovação de cura, mas que representava alguma esperança de pelo menos retardar a piora clínica. Se ele cumpriu seu papel, que obras dispostas a analisar a qualidade geral do governo o julguem. O

importante é que continuemos buscando remédios mais eficazes e menos fatais.

Qualquer movimento político que deseje ser alternativa a Bolsonaro precisa responder as mesmas perguntas que Bolsonaro respondia, mas de modo mais genuinamente cristão – democrático e humano. Enquanto desprezarem as perguntas do eleitor cristão, qualquer candidato de direita que use o nome de Deus em vão terá vantagem contra moderados que se vendem como “laicos”, sem ser verdadeiramente.

O que a esquerda democrática até agora não consegue aceitar, e por isso nunca vai conseguir comunicar com o eleitor médio de Bolsonaro, é que as preocupações que levaram o cristão a votar em um candidato que se provou anticristo eram absolutamente reais. Enquanto as esquerdas zombarem dos abusos na educação sexual em escolas como se fossem paranoia, enquanto não se preocuparem com o problema das ideologias únicas sendo apresentadas no ensino fundamental e médio, enquanto não derem atenção aos cristãos que são expulsos da vida acadêmica por assumirem uma ética conservadora, enquanto não procurarem quanta verdade há no medo das igrejas de perderem o direito à liberdade de culto, eles continuarão sendo ignorados. Vão fazer banquinhas com bolo e café tentando “virar votos” que seriam de Bolsonaro, e será inútil. Ou dão um pouco do braço a torcer, tentam revelar o que é mentira e exagero sem deixar de assumir denúncias verdadeiras, encontram alguma razão nos temores conservadores, ou vão continuar sem entender o porquê Bolsonaro foi eleito.

Existe espaço para um apoio não idólatra ao presidente? Certamente, sim. Mas depois de tudo que foi visto em seu governo até aqui, é possível haver possibilidade de apoio sem idolatria? Minha percepção é de que isto se torna menos provável à medida que nos aprofundamos em sua política. Mesmo assim, em termos de política pública, podemos discutir se o bolsonarismo é melhor ou pior que suas alternativas. Eu não entendo que seja absurdo pensar que, com as informações que possuíamos e diante da alternativa petista em 2018, Bolsonaro tenha sido, lamentavelmente, a única opção razoável de voto em 2018. Creio que o bolsonarismo, com todos os

seus males, é melhor que as alternativas do comunismo radical e das esquerdas fisiológicas. Como fenômeno espiritual, no entanto, Jair Bolsonaro incorpora todos os aspectos de idolatria civil dos regimes revolucionários pós-iluministas e nenhum movimento da política recente parece cobrar mais devoção de alma que este. Enquanto no lulismo havia uma dessacralização de Cristo para fins políticos, onde Jesus era reduzido a um protótipo de revolucionário comunista, no bolsonarismo o imaginário místico do Novo Testamento é respeitado por um lado, mas aplicado com todo seu teor sobrenatural e cósmico à figura do presidente. Se antes rebaixavam Jesus para o encaixar no político, agora elevam o político para o encaixar em Jesus.

Na obra *No alvorecer dos deuses*, eu desenvolvi bíblica e teologicamente as bases da minha análise acerca do fenômeno da idolatria. Nessa obra, eu tento mostrar como as religiões do coração se manifestam. A saber: não exclusivamente no relacionamento com um Deus pessoal, mas também em relacionamentos variados com elementos da realidade. Ao longo do livro, principalmente na segunda metade, esforço-me para demonstrar como a idolatria forma relacionamentos, de modo que cidades, nações, políticas e ideologias podem ser frutos daquilo que adoramos no coração. No último capítulo, que versa sobre teologia política especificamente, começo a dialogar, a partir do Novo Testamento, com o que foi desenvolvido nesta obra, lidando diretamente com as questões do atual governo civil. Ao fim do primeiro capítulo, argumento que religião é o seguinte:

Nós identificamos falsas religiões percebendo que os ídolos são senhores erguidos no interior do homem a quem se presta serviço exclusivo, entesourados como dotados de valor superior e tidos como receptáculos de preocupação exagerada. São projeções de si que recebem glória e são vistas em esplendor, e por isso são manifestas como desejos desordenados por algo. Os ídolos mudam a forma como se vê o mundo, e movem o homem à militância, uma atividade frenética que se manifesta como

*um estado de espírito intencionalmente fixo. O resultado são as práticas de abominações e iniquidades. Nisso você encontra suas religiões.*⁷⁹

Se aplicarmos essa visão ao relacionamento dos homens com o atual governo, podemos perguntar: o bolsonarismo, segundo a forma que podemos ler, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, é uma religião? Sim, pelo modo como as pessoas ergueram Bolsonaro e a ideologia bolsonarista, a ponto de prestar serviço exclusivo às pessoas e aos ideais que fomentam a agenda de Bolsonaro; pela forma como a política bolsonarista passou a ser dotada de valor superior a qualquer outro valor de vida, convertendo-se num tipo de cosmovisão em que toda a existência se submete aos próprios ideais (inclusive na escolha de remédios e tratamentos médicos); a partir do momento em que essas questões políticas em volta do presidente são alvos de preocupação exagerada e se tornam objeto central das conversas, do que é compartilhado no WhatsApp, das reuniões em família e das leituras diárias; a partir do momento em que muita glória e esplendor são envolvidos na figura de um governo messiânico e os desejos acabam se tornando desordenados, a ponto de gerar violência; a partir do momento que o mundo é visto como oportunidade de militância em uma atividade fixa pelos conflitos da política partidária e abominações e iniquidades são justificadas, e até praticadas, em nome do presidente, em uma dedicação por vezes doentia, enquanto Bolsonaro se torna sua glória e a concretização da sua política se torna sua motivação; quando parece que tudo isso está em primeiro lugar como um tipo de paixão, de desejo descontrolado, e a vida acaba resumida a isso, a ponto de torcer e profanar os elementos bíblicos em nome de um presidente — enfim, não há outro nome que possa ser dado a esse fenômeno que não seja religião. A história do bolsonarismo no Brasil é mais um capítulo na história das religiões. E é uma pena que seja uma falsa religião que se tornou tão central na vida de tanta gente, até daqueles que dizem adorar exclusivamente a Jesus.

NOTAS

1. AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo Editoria, 2004.
2. MARTINS, Yago. *Utopia As Religion: A Proposal For Advance The Austrian Criticism Of The Yearnings Of Socialist Scatology*. MISES: Interdisciplinary Journal of Philosophy, Law and Economics, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 147–165, 2017. DOI: 10.30800/mises.2017.v5.51. Disponível em: <https://www.misesjournal.org.br/misesjournal/article/view/51>. Acesso em: 20 apr. 2021.
3. PY, Fábio. *Pandemia cristofascista*. São Paulo: Recriar, 2020, p. 6-7.
4. *Twitter*. Não mais disponível.
5. *Twitter*. Não mais disponível.
6. *Twitter*. Disponível em: <<https://twitter.com/ceduyang/status/1354599608090038272>>. Acesso em: 28 jan. 2021.
7. *Twitter*. Disponível em: <<https://twitter.com/BobjeffHD/status/1354562403783081985>>. Acesso em: 28 jan. 2021.
8. *Ernesto Araújo - Morning Show - 01/02/21*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i_WvSkIMl8>. Acesso em: 2 fev. 2021.
9. Correio Braziliense. Disponível em <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/2>

9/interna_politica,849763/novo-ministro-chama-bolsonaro-de-profeta-do-combate-a-criminalidade.shtml> . Acesso em 6 abr. 2021.

10. *Deus fala em forte profecia com Bolsonaro e ele convoca todo Brasil para jejuar.* <https://www.youtube.com/watch?v=z7M1_CWcSts> . Acesso em: 7 fev. 2020.

11. *CLAMOR E JEJUM PELO BRASIL - 05 ABRIL - CONVOCAÇÃO DO PRESIDENTE JAIR MESSIAS BOLSONARO.* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MV7vR1ZX19Q&t>> . Acesso em: 28 nov. 2020.

12. *Bolsonaro compartilha vídeo de jovem que foi a Brasília para compartilhar visão religiosa.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=og5rtTPfc_o> . Acesso em: 28 nov. 2020.

13. *Muito Forte! Veja o que Deus falou com Bolsonaro antes da saída de Sergio Moro.* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RaL4CM6vD6M>> . Acesso em: 7 fev. 2021.

14. Até o atual momento, Bolsonaro está sem partido. Não é mais filiado ao PSL, detentor do número 17, depois de brigas com Luciano Bivar, presidente da sigla. Também não conseguiu emplacar seu partido, o Aliança pelo Brasil, que teria o número 38 em referência ao calibre da arma de fogo.

15. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BoJyiejARtk/>> . Acesso em: 2 dez. 2020.

16. *Se não fosse filmado, ninguém acreditaria! Bolsonaro se une a cristãos e faz o inesperado na igreja.* Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LVvqcCYcdnw>> . Acesso em: 6 fev. 2021.

17. *Pastor Silas Malafaia - Bolsonaro ao vivo na igreja que sou pastor*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y2nZ1HDT450>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

18. *Pastores difundem ideia de que Bolsonaro sobreviveu por obra divina*. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/pastores-difundem-ideia-de-que-bolsonaro-sobreviveu-por-obra-divina.html>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

19. *Oração de Magno Malta na Vitória de Jair Bolsonaro - O Brasil Mudou*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ixUfHHJnMjo>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

20. *Bispo Macedo orando pelo Presidente Bolsonaro no Templo de Salomão - 01/09/19*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GSVMoA5i5IM>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

21. *Pastor Silas Malafaia intimida Fiéis para NÃO denunciarem PASTORES LADRÕES*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZDQ9mV4WJGk>>. Acesso em: 06 abr. 2021.

22. Bolsonaro não foi o único a usar artifícios religiosos em busca de eleição. No Rio de Janeiro, uma das propagandas eleitorais de Marcelo Crivella nas eleições de 2020, dizia: “Se você é por Deus, dia 15 de novembro você vota Crivella 10”. Quando as previsões indicavam chance de derrota, uma campanha de marketing possuía o rosto do candidato com uma mão vindo dos céus em sua direção e uma luz sobre seu rosto. No rodapé, os dizeres: “A diferença é que Eduardo Paes confia no Ibope, Crivella confia em Jesus. O Ibope erra. Jesus nunca!”. O que essas comunicações transmitiam ao público religioso? Que Crivella estava concorrendo como um representante da vontade divina e que sua derrota representaria um

erro de Jesus – o que seria absurdo, logo, sua derrota seria impossível. Semelhantemente, em um de seus vídeos de campanha para as redes sociais, tentando eleição para a prefeitura de São Paulo, a deputada federal Joice Hasselmann contou seu testemunho de conversão, pedindo oração e se colocando como alguém chamado para uma missão da parte de Deus. Diz ela que Cristo a colocou naquela peleja, dizendo: “vá que a missão é tua”.

23. *Cristologia pascoal bolsonarista*. Disponível em:

<<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598117-cristologia-pascoal-bolsonarista>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

24. *Cristologia pascoal bolsonarista*. Disponível em:

<<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598117-cristologia-pascoal-bolsonarista>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

25. Sem oxigênio, Amazonas pede para transferir 60 bebês prematuros a outros estados. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/01/15/amazonas-pede-para-transferir-60-bebes-prematuros>>. Acesso em: 13 mai. 2021.

Caos na Pandemia: O relato da falta de oxigênio para bebês em maternidade de Manaus. Disponível em:

<<https://amazoniareal.com.br/caos-na-pandemia-o-relato-da-falta-de-oxigenio-para-bebes-em-maternidade-de-manaus/>>. Acesso em: 13 mai. 2021. Temos crianças que estão desde domingo sem oxigênio. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/saude/criancas-oxigenio-manaus-covid/>>. Acesso em: 13 mai. 2021.

26. Adaptado de MARTINS, Yago. *No alvorecer dos deuses*: desvendando as idolatrias profundas do coração. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 172.

27. <https://guilhermedecarvalho.com.br/2020/03/20/o-nome-de-deus-no-governo-bolsonaro-uma-critica-teologico-politica/>

28. *É FAKE que Haddad criou 'kit gay' para crianças de seis anos.*

Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

29. *Jair Bolsonaro: "Yo tengo una misión de Dios, lo veo de esa manera".* Disponível em: <<https://www.lanacion.com.ar/el-mundo/yo-tengo-una-mision-de-dios-lo-veo-de-esa-manera-nid2253617>>.

Acesso em: 28 nov. 2020.

30. *Discurso do Ministro Ernesto Araújo na formatura do Instituto Rio Branco – Brasília, 3 de maio de 2019.* Disponível em:

<<https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores-1/discursos-mre/discurso-do-ministro-ernesto-araujo-na-formatura-do-instituto-rio-branco-brasilia-3-de-maio-de-2019>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

31. *Discurso do Ministro Ernesto Araújo na formatura do Instituto Rio Branco – Brasília, 3 de maio de 2019.* Disponível em:

<<https://www.gov.br/mre/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/discursos-artigos-e-entrevistas/ministro-das-relacoes-exteriores-1/discursos-mre/discurso-do-ministro-ernesto-araujo-na-formatura-do-instituto-rio-branco-brasilia-3-de-maio-de-2019>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

32. *Weintraub fala: sou a pedra que Davi jogou em Golias.*

Disponível em: <youtube.com/watch?v=hhfFKnyu4aU>. Acesso em: 29 nov. 2020.

33. ALEXANDRE, Ricardo. *E a verdade os libertará: Reflexões sobre religião, política e bolsonarismo.* São Paulo: Mundo Cristão, 2020, p. 82.

34. LOUW, J.; NIDA, E. *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, 25.252, 87.14.
35. Ibid., 87.8.
36. Adaptado de MARTINS, Yago. *No alvorecer dos deuses: desvendando as idolatrias profundas do coração*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 163.
37. GASPARI, Elio. *A ditadura encurralada*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2004, p. 106-107.
38. *Oração de Magno Malta na Vitória de Jair Bolsonaro - O Brasil Mudou*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ixUfHHJnMjo>>. Acesso em: 28 nov. 2020.
39. Disponível em: <<https://pbs.twimg.com/media/Exr1RukW8AEKKjl?format=jpg&name=large>>. Acesso em: 6 abr. 2021.
40. Disponível em: <<https://www.instagram.com/jairmessiasbolsonaro/?igshid=cguubc33ipy8>>. Acesso em: 28 nov. 2020.
41. Cf. *Cristologia pascoal bolsonarista*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598117-cristologia-pascoal-bolsonarista>>. Acesso em: 28 nov. 2020.
42. *Jair Bolsonaro quer matar 30 mil*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PGTtIGmOY24>>. Acesso em: 1 dez. 2020.
43. *Apoiadores de Bolsonaro realizaram pelo menos 50 ataques em todo o país*. Disponível em:

<<https://apublica.org/2018/10/apoiadores-de-bolsonaro-realizaram-pelo-menos-50-ataques-em-todo-o-pais/>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

44. *Bastam um soldado e um cabo para fechar STF, disse filho de Bolsonaro em vídeo*. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/basta-um-soldado-e-um-cabo-para-fechar-stf-disse-filho-de-bolsonaro-em-video.shtml>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

45. *Entenda o que foi o AI-5 e as consequências dele para o país*.

Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/entenda-o-que-foi-o-ai-5-e-as-consequencias-dele-para-o-pais>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

46. *Por que Sarah Winter do 300 Pelo Brasil é um caso especial no inquérito das fake News*. Disponível em:

<<https://theintercept.com/2020/05/31/sarah-winter-300-brasil/>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

47. *Alexandre de Moraes nunca vai ter paz, vamos infernizar, ameaça Sara Winter*. Disponível em: <

<https://youtu.be/BaFOLeKH63E>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

48. LANGE, John Peter. “Matthew”, In SCHAFF, Philip. *Commentary on the Holy Scriptures Critical, Doctrinal and Homiletical*. 3rd ed.: Grand Rapids: Zondervan, rep. n.d., 1861, p. 557.

49. CHILTON, David. *Paradise Restored: A Biblical Theology of Dominion*. Tyler, TX: Dominion Press, 1994, p. 218, 219.

50. WAGNER, Peter. *Confronting the Powers: How the New Testament Church Experienced the Power of Strategic-level Spiritual Warfare*. Regal Books: 1996, p. 21-22.

51. O que segue é adaptado de MARTINS, Yago. *Faça discípulos ou morra tentando: o significado, a extensão e o selo do discipulado*. Niterói, RJ: Editora Concílio, 2017, p. 232-234.

52. BARTH, Karl. “An Exegetical Study of Matthew 28:16-20”, In: Dubose, Francis M. (org.). *Classics of Christian Missions*. Nashville: Broadman Press, 1979, p. 46. O termo “Cristãos Alemães” começa em maiúscula porque Barth não está se referindo aos cristãos alemães como indivíduos cristãos que nasceram na Alemanha, e sim aos Cristãos Alemães, entidade formal que aderiu aos ideais do nazismo.

53. Devo este paralelo ao meu amigo André Venâncio, em uma boa conversa sobre a cosmovisão islâmica. Ele fala um pouco sobre isso em seu blog: *Prolegômenos a toda encrenca futura – parte 2*. Disponível em: <<http://andrelv.blogspot.com.br/2012/05/prolegomenos-toda-encrenca-futura-parte.html>>. Acesso em: 6 abr. 2021.

54. *Pastor Silas Malafaia - Bolsonaro ao vivo na igreja que sou pastor*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y2nZ1HDT450>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

55. *Veja a íntegra do discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU*. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-09/presidente-jair-bolsonaro-discursa-na-assembleia-geral-da-onu>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

56. *CÂMARA DOS DEPUTADOS – DETAQ*. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=5&nuSessao=105.2.55.O&nuQuarto=94&nuOrador=2&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=17:06&sgFaseSessao=GE&Data=03/05/2016&txApelido=JAIR%20BOLSONARO,%20PSC-RJ&txFaseSessao=Grande%20Expediente&txTipoSessao=Deliberati>>

va%20Ordin%C3%A1ria%20-%20CD&dtHoraQuarto=17:06&txEtapa=>. Acesso em: 28 nov. 2020.

57. ALEXANDRE, Ricardo. *E a verdade os libertará*: Reflexões sobre religião, política e bolsonarismo. São Paulo: Mundo Cristão, 2020, p. 16.

58. *Discurso do ministro Ernesto Araújo durante cerimônia de Posse no Ministério das Relações Exteriores – Brasília, 2 de janeiro de 2019*. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-discursos/19907-discurso-do-ministro-ernesto-araujo-durante-cerimonia-de-posse-no-ministerio-das-relacoes-exteriores-brasilia-2-de-janeiro-de-2019>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

59. Todas as declarações de Bolsonaro, checadas. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

60. VOEGELIN, Eric. *As religiões políticas*. Lisboa: Vega, 2002, p. 78.

61. FRAZER, J. G. *O ramo dourado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

62. Adaptado de MARTINS, Yago. *No alvorecer dos deuses: desvendando as idolatrias profundas do coração*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 164-165. Confira o capítulo “A desgraça da idolatria política: submissão às autoridades diante da besta que saiu do mar”, em p. 141-178.

63. *Discurso do ministro Ernesto Araújo durante cerimônia de Posse no Ministério das Relações Exteriores – Brasília, 2 de janeiro de 2019*. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/discursos-artigos-e-entrevistas-categoria/ministro-das-relacoes-exteriores-discursos/19907-discurso-do-ministro-ernesto-araujo-durante>>

cerimonia-de-posse-no-ministerio-das-relacoes-exteriores-brasilia-2-de-janeiro-de-2019> . Acesso em: 28 nov. 2020.

64. POPPER, Karl R. *Conjecturas e refutações*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 150.

65. Todos os artigos citados podem ser lidos em ECO, Umberto. *Pape Satàn aleppe: crônicas de uma sociedade líquida*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

66. GUNJEVIĆ, Boris; ŽIŽEK, Slavoj. *O sofrimento de Deus: Inversões do Apocalipse*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 58.

67. CUNHA, Martim Vasques da. *O contágio da mentira*. Editora Âyiné, 2020, p. 35.

68. Ibid., p. 36-37.

69. Ibid., p. 37.

70. *Em carta aberta devastadora, filha de Olavo de Carvalho acusa o pai de “colocar arma na cabeça dos seus filhos”*. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/em-carta-aberta-devastadora-filha-de-olavo-de-carvalho-acusa-o-pai-de-colocar-arma-na-cabeca-dos-seus-filhos/>> . Acesso em: 30 nov. 2020.

71. *Precisamos falar sobre Olavo de Carvalho*. Disponível em: <<http://www.cafecolombo.com.br/ideias/precisamos-falar-sobre-olavo-de-carvalho-3/>> . Acesso em: 6 abr. 2021. (Nota da Dona Bibliotecária: o link saiu do ar, procurem por ["precisamos falar sobre olavo de carvalho" "Joel Pinheiro"] (o que está entre os colchetes, inclusive as aspas) para procurar por um local onde tenha o texto e não tenha sido derrubado

72. Ibidem.

73. Ibidem.

74. Ibidem.

75. Cf. RUSSELL, C. T.; BARBOUR, N. H. *The Three Worlds and The Harvest of This World*. Rochester, N.Y.: [s.n.], 1877, p. 175.

76. CUNHA, Martim Vasques da. *O contágio da mentira*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020, p. 26.

77. COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. *E agora, como viveremos?* Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

78. GHIRALDELLI, Paulo. *A filosofia explica Bolsonaro*. São Paulo: LeYa, 2019, p. 152.

79. Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 42.